

Afirmativa

ANO 6 - Nº 30 - AFROBRAS, SEM EDUCAÇÃO NÃO HÁ LIBERDADE - R\$ 7,50

plural



Negros:
beleza invisível

UM BANCO COM MAIS DE
40 MILHÕES DE CLIENTES
NO BRASIL SÓ PODE SER A
FAVOR DA DIVERSIDADE.

Parceria Bradesco – Faculdade
da Cidadania Zumbi dos Palmares.

No Bradesco, o respeito à diversidade não é só um valor: é uma prática concreta. Desde 2005, o Bradesco é parceiro da Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares em um programa de formação técnica, comportamental e vivencial que prepara os estudantes para ingressar no mercado de trabalho. E o Bradesco ainda mantém um grupo permanente de trabalho para a valorização da diversidade.

bradesco.com.br



diversidade



Bradesco



Entrevista Especial

Marcus Vinícius Moreira
Marinho 8

Capa

A invisibilidade do negro 12

Economia

O negro consome 36

Perfil

O comando da Xerox nas mãos de
uma negra 38



Educação

A suspensão das cotas - Humberto
Adami 40

A cota de sucesso da turma do ProUni -
Elio Gaspari 42

Faculdade Zumbi dos Palmares consolida
intercâmbio com Xavier University 44


A história se repete -
Formatura da
Faculdade Zumbi
dos Palmares 48



Empreendedorismo

Empreendedor ou
escravo? 84

Mercado de trabalho

O que fazer se for demitido -
Gutemberg B. de Macedo 88

Índice

Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras – Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, Centro de Documentação, através da: Editora Unipalmares Ltda., CNPJ nº 08.634.988/0001-52. Com periodicidade bimestral. Ano 6, número 30 – Av. Santos Dumont, 843 – Bairro Ponte Pequena – São Paulo/SP – Brasil – CEP 01101-080 – Tel. (55 – 11) 3229 4590. www.afrobras.org.br

CONSELHO EDITORIAL: José Vicente, Francisca Rodrigues, Ruth Lopes, Raquel Lopes, Cristina Jorge, Nanci Valadares de Carvalho, Humberto Adami, Sonia Guimarães.

DIREÇÃO EDITORIAL E EXECUTIVA: Jornalista Francisca Rodrigues (MTB. 14.845 – francisca@afrobras.org.br)

EDITORA: Zulmira Felício (MTB 11.316 – zulmira.felicio@globo.com)

FOTOGRAFIA: J.C. Santos e Divulgação

COLABORADORES: Rodrigo Massi (agendacultural@afrobras.org.br), Rosenildo Gomes Ferreira (rosenildoferreira@revistadinheiro.com.br).

Uso correto do *feedback* - bons resultados -

Ricardo Piovan 90

Responsabilidade social

Escolas de Campina Grande vão ganhar
hortas agroecológicas 92

Veículos

C4 VTR Turbo 94

Plural

Índios, desinformação e
preconceito 96



A África ideal - Rafael Pirrho,

de Johanesburgo 98

Opinião

Brasil, o país do presente -
Rosenildo Gomes Ferreira 100

Cultura 102

Saúde e beleza

Estampas realçam a beleza da
mulher negra 104

Turismo

Fortaleza 106

Afirmativo

José Vicente 110

Preto e Branco

Charles Bolden Jr. 112



FALE COM A REDAÇÃO: Zulmira Felício (zulmira.felicio@globo.com) tel. (11) 9605-7083; Carla Nascimento (carla@afrobras.org.br) tel. (11) 3229 4590

ASSINATURA: Taíse Oliveira (taise@afrobras.org.br) Tel. (11) 3229 4590

PUBLICIDADE: Maximagem Mídia Assessoria em Comunicação. Tel. (11) 3229 4590

PARA ANUNCIAR: Ligue (11) 3229 4590 fale com a Taíse (taise@afrobras.org.br)

CAPA: Foto de Naomi Campbell, AFP PHOTO/Shawn Curry

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA, IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Imprensa
Oficial do Estado de São Paulo

A revista Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras. A Editora não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e matérias assinadas. A reprodução desta revista no todo ou em parte só será permitida com autorização expressa da Editora e com citação da fonte.

A síndrome do vampiro

Assim como o Drácula não consegue ver sua imagem refletida no espelho, os negros brasileiros não conseguem enxergar seus reflexos no espelho da mídia, mesmo sendo hoje praticamente a maioria da população como já afirma o IBGE em sua última pesquisa sobre o tema.

O conceito de Drácula é do professor Muniz Sodré, da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, utilizando uma metáfora para definir o que acontece com a imagem (ou seria a não imagem?) do negro na mídia brasileira.

Dentro desse conceito, nossa capa traz a modelo negra mais renomada e badalada por todos que fazem parte do mundo da moda, Naomi Campbell, que aliás, já denunciou em entrevistas o racismo existente nesse segmento em todo o mundo. Resolvemos discutir esta área da moda em função do *SPFW – São Paulo Fashion Week*, um dos maiores eventos de moda da América Latina, que praticamente não usa negros

zadora do *São Paulo Fashion Week*. Nesse acordo, a empresa se compromete a adotar uma série de providências para estimular a participação de modelos negros, afrodescendentes e indígenas nos desfiles, entre elas indicar a inclusão de, no mínimo 10% de profissionais dessas etnias em seus castings.

Ao terminarmos esta edição, o evento estava acontecendo. Estaremos lá para verificar se o acordo foi cumprido. Aliás, só um registro: a nossa revista, que é produzida pela ONG Afrobras, há 12 anos em operação e que trabalha pela inclusão e visibilidade do negro na sociedade brasileira, não conseguiu uma única palavra do Sr. Paulos Borges, responsável pelo *SPFW*, durante mais de um mês, demonstrando o total descaso por uma parcela de nós negros, que nos vemos representados pela ONG.

E para mostrar que o mundo está mudando, embora a

nas passarelas – mesmo utilizando dinheiro dos cofres públicos – ou seja, dinheiro de impostos pagos por cidadãos brasileiros, e aqui se inclui os negros que pagam impostos igualmente os brancos. O correto é que onde houver uso do dinheiro público, a população seja representada, se os nobres estilistas não gostam de negros desfilando suas roupas, que façam seus eventos com seu próprio dinheiro, sem por a mão nos recursos do governo, que são de todos nós, negros, brancos, índios e amarelos, que fazem essa população brasileira miscigenada ser tão maravilhosa.

A completa ausência de negros nas passarelas fez com que o Ministério Público de São Paulo entrasse em ação e abriu um inquérito para apurar se havia a prática de racismo no evento. Um ano e meio depois, o inquérito, atualmente com oito volumes, resultou em um documento denominado TAC (Termo de Ajustamento de Conduta) assinado no dia 20 de maio entre o Ministério Públco Estadual e a empresa Luminosidade Marketing & Produções Ltda., organi-

maioria dos estilistas brasileiros não percebam, trazemos nessa edição mais um registro da formatura da segunda turma do curso de Administração da Faculdade Zumbi dos Palmares, que tem em seu quadro discente 87% de alunos negros autodeclarados. Foram 241 alunos, 90% deles negros, a maioria no mercado de trabalho, 60% empregados nas instituições financeiras parceiras da Zumbi dos Palmares.

Isto mostra que o Brasil está mudando, embora lentamente. Estamos formando uma classe de administradores, que já está “colorindo” as grandes empresas e mudando a mente tacanha de alguns que ainda acham que o negro não precisa aparecer, não deve estar nos locais de visibilidade, que já basta fazer seu “ótimo trabalho” nos bastidores. O melhor de tudo: estes negros estão fazendo a revolução através da educação.

Sem Educação, não há Liberdade!

Boa leitura a todos!
Francisca Rodrigues
Editora Executiva

editorial

Meu filho
me incentivou
também em trocar.
Foi a minha
transformação.

Foi o primeiro prêmio da
minha vida só, que já tinha
mais de 80 anos. Me senti
muito feliz!

Tu não acreditou
quando me ligaram
e disseram que eu
tinha ganhado.

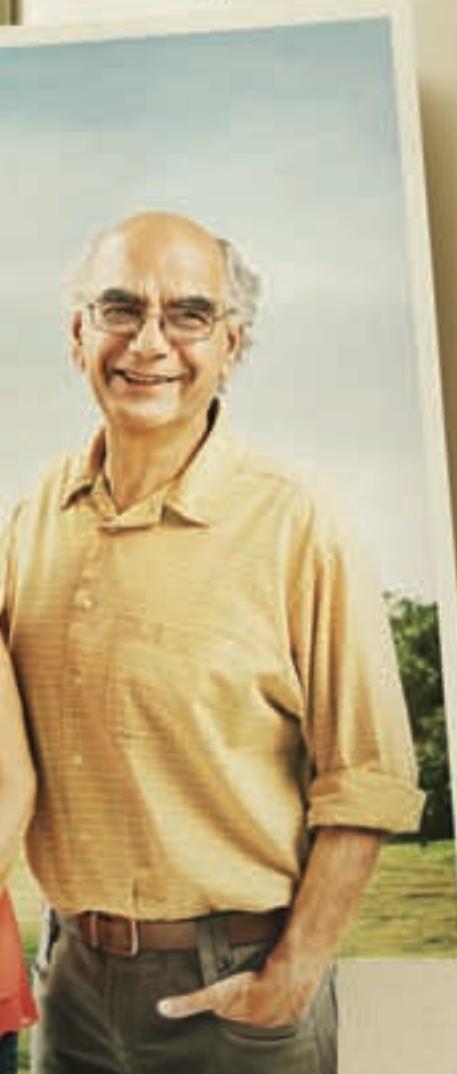


Sandoval Alecrim, vencedor
da Categoria Música Vocal
em 2006

Suzana Medeiros,
vencedora da Categoria
Programas Exemplares em 2005

Tereza Ana dos Santos,
vencedora da Categoria
Artes Plásticas em 2001

Foi muito bom
ver alguém
valorizando
meu talento.
Sou um sonor!



11º Concurso
Talentos
da Maturidade
Inscrições abertas

A história do Sandoval com o concurso
é bonita como a da Suzana,
que é emocionante como a da Tereza,
que é alegre como a do Domenico.

Participe ou incentive
alguém a participar!

Com a união do Banco Real e do Santander,
o Talentos da Maturidade ficou ainda melhor:
são mais de 3.500 agências para você se inscrever.

*Categorias para quem
tem mais de 60 anos:*

- ✓ Música Vocal
- ✓ Literatura
- ✓ Artes Plásticas

Categoria livre:

- ✓ Programas
Exemplares

Você não precisa ser profissional. Inscreva-se até
14 de setembro em qualquer agência do Santander
ou do Banco Real ou ligue para **0800 12 00 77**.
E este ano você pode se inscrever também pelo site:
www.talentosdamaturidade.com.br

 **Grupo Santander Brasil**

Valorizando ideias por um mundo melhor.

 **BANCO REAL**
GRUPO SANTANDER

 **Santander**

Domenico Canonico,
vencedor da Categoria
Literatura em 2008

“ Desde
pequeno sonhei
em ser diplomata.

E quando ingressei, já tinha
o sonho de entrar para
a Divisão da África.

Eu quero continuar fazendo algo de
bom, algo em que eu acredite dentro
das minhas possibilidades de trabalho.

É nesse sentido que
eu quero atuar. ”

Marcus Vinícius Moreira Marinho

“A África passa por um momento de renovação. As relações com o Brasil estão ficando mais intensas”, comenta o segundo secretário, sub-chefe da Divisão da África I, do Ministério das Relações Exteriores, Marcus Vinícius Moreira Marinho. Aos 28 anos, ele é um dos onze diplomatas brasileiros negros que chegaram ao Ministério, depois de participar do programa de

Ação Afirmativa, criado em 2002, pelo Governo Federal e que oferece bolsas a estudantes afrodescendentes para se prepararem para o concurso de Admissão à Carreira Diplomática. O objetivo é promover maior igualdade de oportunidades e aumentar a diversidade étnica nos quadros do Itamaraty.

Impulsionado pelos pais, Marcus Vi-

nícius sempre viu na educação, a ferramenta para toda e qualquer transformação cultural e social. Formou-se em química pela Universidade de São Paulo, foi professor no Colégio Santa Cruz, no ensino médio. Em 2003, decidiu cursar Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero, trabalhou por dois anos na Folha de S. Paulo como repórter e em 2006 foi aprovado no

O negro na diplomacia

Por: Mônica Santos, da redação



Marcus Vinícius Moreira Marinho

“ O Ministério das Relações Exteriores permite que você tenha diversas carreiras dentro de uma só. Você pode trabalhar com relações bilaterais, país a país, sistemologia, direitos humanos... ”

concurso. “Desde pequeno sonhei em ser diplomata. E quando ingressei, já tinha o sonho de entrar para a Divisão da África”, afirma.

Afirmativa Plural – *Como é trabalhar no Ministério das Relações Exteriores?*

Marcus Vinícius – Eu acho muito gratificante. É um ministério que permite que você tenha diversas carreiras dentro de uma só. Você pode trabalhar com relações bilaterais, país a país, sistemologia, direitos humanos... Eu, pessoalmente, trabalho na Divisão da África I, com relações bilaterais Brasil/África, porque, enfim, é um assunto que me atraí. Eu gosto muito do que faço.

Afirmativa – *Como foi seu ingresso na carreira?*

Marcus Vinícius – Eu trabalhava como jornalista, o que também foi uma luta muito grande, porque meus pais investiram tudo o que eles tinham para educar os filhos e a gente tinha, de certa maneira, que contribuir em casa e até hoje mesmo trabalhando em Brasília. Então, eu vejo como uma grande conquista a aprovação nesse concurso, em julho de 2006. Já são quase três anos. Há certos momentos na carreira em que você tem que mudar e estou chegando perto deste momento, que é ir para o exterior. Eu viajo muito, mas morar mesmo no exterior por dois ou três anos é uma coisa um pouco mais desafiadora.

Afirmativa – *Então esses são os próximos projetos?*

Marcus Vinícius – Olha, como próximos projetos eu quero crescer na carreira. Eu quero continuar fazendo algo de bom, algo em que eu acredite dentro das minhas possibilidades de trabalho. É nesse sentido que eu quero atuar. Contribuir para o resgate do valor do negro dentro da sociedade brasileira. Então, eu gostaria na realidade de só ampliar um pouco.

Afirmativa – *Quais são as áreas, os países que compreendem a Divisão da África I de sua atuação?*

Marcus Vinícius – São 20 países, que cobrem toda a costa ocidental da África – do Marrocos até o Congo.

Afirmativa – *Quantas bolsas já foram oferecidas pelo programa de Ação Afirmativa do Governo Federal?*

Marcus Vinícius – O programa de Ação Afirmativa já concedeu 204 bolsas. O estudante que queira ser candidato à carreira diplomática consegue uma bolsa para que ele possa se preparar para o concurso. Nós temos 132 candidatos, desses, já tem 11 aprovados e que trabalham como diplomata. Temos uma média de aprovação de 8% que é bem superior à média de aprovação geral no concurso, que fica em torno de 0,5 até 1%, então um a cada 100, ou um a cada 200 vagas.

Afirmativa – *Na sua opinião, por que os negros têm pouca representatividade nos postos de diplomacia?*

Marcus Vinícius – Por razões históricas do Brasil. Só recentemente, os negros têm tido acesso, de certa maneira, às posições de destaque na vida pública brasileira. E eu acho que nesse momento cabe a nós conquistarmos mais espaço. Ainda hoje as pessoas passam por situações constrangedoras, por situações limitadoras e as iniciativas devem ser tomadas.

Afirmativa – *O senhor já passou por alguma situação constrangedora, depois que entrou na carreira diplomática?*

Marcus Vinícius – Teve uma vez em Brasília que a polícia me parou e o policial estava fazendo uma busca inteira no carro, estava agindo de uma maneira um pouco agressiva. Quando ele me pediu o documento, por algum engano, a minha carteira profissional de diplomata estava na frente do documento do carro. Ele pegou e nem viu o documento do carro e ele disse: “Doutor, desculpa! Eu não sabia que o senhor era diplomata!” Aí virou senhor.

Quem estiver interessado em participar do Programa de Ação Afirmativa de preparação para o Concurso de Admissão à Carreira Diplomática deve ficar atento à publicação do edital no Diário Oficial da União sempre no final do ano. Para saber mais sobre o programa é só acessar www.cespe.unb.br ou www.irbr.mre.gov.br ■



A diferença soma e surpreende.

**Seja diferente, faça
Zumbi dos Palmares.**

**Processo
Seletivo
2º semestre 09**

**CursoS
Superiores**

- Administração
- Direito
(recomendado pela OAB)
- Pedagogia
- Publicidade e Propaganda
- Tec. em Transporte Terrestre



ZUMBI DOS PALMARES

FACULDADE ZUMBI DOS PALMARES

SÃO PAULO - BRASIL

Inscrições Abertas

11. 3229.4590 | www.zumbidospalmares.edu.br | vestibular@zumbidospalmares.edu.br





A invisibilidade do negro

Por: Carla Nascimento, da redação

O mundo mudou! No dia 4 de novembro de 2008, a nação mais poderosa do mundo elegeu pela primeira vez em sua história um presidente negro: Barack Hussein Obama. Negros de todos os continentes comemoraram essa vitória. E no Brasil? Quais os reflexos desse fato histórico? Certamente os ventos de mudança estão soprando por aqui, mas não com a força que gostaríamos.

Quase todos os dias a mídia nacional veicula manifestações racistas que continuam impunemente passando goela abaixo da nossa “democracia racial”. A pérola mais recente é de autoria da estilista Gloria Coelho, que em matéria publicada na edição de 14 de abril do jornal Folha de S

Paulo declarou: “Na *Fashion Week* já tem muito negro costurando, fazendo modelagem, muitos com mãos de ouro, fazendo coisas lindas. Tem negros assistentes, vendedoras, por que têm de estar na passarela?”

A declaração de dona Gloria foi uma resposta à proposta do Ministério Público de São Paulo de promover ações afirmativas para que as grifes incluam mais negros nas passarelas do *São Paulo Fashion Week*, o maior evento de moda da América Latina, que é signatário de convênios com pessoas jurídicas de direito público, utilizando verba pública para sua realização.

O fato levantou novamente a poeira da discussão sobre o nosso racis-



Agência
Foto: Agência

Samira Carvalho

mo “cordial” de cada dia e mostrou que o negro ainda depende da tutela do Estado para fazer valer direitos que já são garantidos pela Constituição, afinal, no Brasil ainda existem inúmeras “Glorias Coelhos” que não apenas fecham as portas das passarelas, mas ainda tentam dizer aos negros qual é o seu devido lugar.

AS ILUSÕES DA MUDANÇA

O Brasil foi o último país livre a abolir o regime de escravidão. Há 121 anos os negros trabalham em regime de liberdade. Mesmo assim, passado esse tempo, ainda trabalham mais e ganham menos do que os brancos.

Apesar desses indicadores, no final dos anos 90 parecia que as coisas estavam mudando. Uma pesquisa realizada em 1996 pela agência de propaganda Grotteria “descobriu” uma classe média negra até então desconhecida no país. Entre os dados que impressionaram na época estava o fato de os negros corresponderem a um terço da classe média do país e movimentarem R\$ 50 bilhões de reais por ano.

O país passou, então, a perceber que havia negros consumindo, ocupando cargos executivos nas empresas e, sobretudo, ditando padrões de beleza. Os negros passaram a ser vistos com mais frequência na mídia. Parecia que finalmente o país estava assumindo sua cara negra.

Passados pouco mais de dez anos, o que aconteceu após esse boom midiático?

Hoje, os negros são metade da população e em 2010 serão maioria, segundo dados do IBGE. Apesar disso, apenas 25,1% das vagas funcionais das 500 maiores empresas do país são ocupadas por eles, de acordo com levantamento feito pelo Instituto Ethos em 2007. Ainda de acordo com o relatório, é significativo o afunilamento que ocorre quando se compara a presença de negros e de outras etnias em cargos mais elevados: nos postos de supervisão, os negros são apenas 17,4%, e nos cargos executivos esse índice despenca para 3,5%.



Naomi Campbell

“ No caso dos negros, o cabelo e a cor da pele têm importância fundamental como símbolos de identidade e é justamente nessas características que são mais atingidos quando o assunto é padrão de beleza. ” *Nilma Lino Gomes*

SÍNDROME DO VAMPIRO

Se isso acontece no setor produtivo, o que dizer dos espaços onde o que predomina é a imagem? O professor Muniz Sodré, da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, utiliza uma metáfora para definir o que acontece com a imagem (ou seria a não imagem?) do negro na mídia brasileira: a síndrome do vampiro. Segundo esse conceito, assim como o Drácula não consegue ver sua imagem refletida no espelho, os negros brasileiros não conseguem enxergar seus reflexos no espelho da mídia.

Em janeiro de 2008, um grupo de modelos negros realizou um protesto durante o *São Paulo Fashion Week*. O motivo? A completa ausência de negros nas passarelas.

O protesto surtiu efeito. Desta vez, a imprensa deu a devida atenção ao fato e uma série de matérias foi veiculada apontando que apenas oito dos 344 modelos que desfilaram eram negros. Ou seja, apenas 2,3% do total. A partir dessa constatação o Ministério Público de São Paulo entrou em ação e abriu um inquérito para apurar se havia prática de racismo no evento.

Um ano e meio depois, o in-

quérito, atualmente com oito volumes, resultou em um documento denominado TAC (Termo de Ajustamento de Conduta) assinado no dia 20 de maio entre o Ministério Público Estadual e a empresa Luminosidade Marketing & Produções Ltda., organizadora do *São Paulo Fashion Week*. Nesse acordo, a empresa se compromete a adotar uma série de providências para estimular a participação de modelos negros, afrodescendentes e indígenas nos desfiles, entre elas indicar a inclusão de, no mínimo, 10% de profissionais dessas etnias em seus *castings*.

No inquérito foram ouvidos os organizadores do SPFW, donos de agências de modelos e estilistas.

Segundo a promotora Deborah Kelly Affonso, coordenadora do Grupo de Atuação Especial de Inclusão Social (GAEIS) do Ministério Público, não foi constatada a prática de racismo. Sendo assim, por que motivo negros e afrodescendentes ficaram praticamente fora das passarelas em todas as edições anteriores?

Procurada para falar sobre o assunto, a empresa Luminosidade só se manifestou por meio de um comunicado divulgado para a imprensa no qual afirma que “o SPFW acredita ser fundamental o apoio à inclusão social

dos diversos tipos étnicos presentes na população brasileira, dentro de um processo sociocultural com reflexos históricos” e diz que revelou vários modelos negros e indígenas.

AVANÇOS E RECUOS

Polêmico, o assunto levanta uma questão mais profunda: tornar invisível a beleza e a estética do negro no Brasil é uma das formas mais eficazes de opressão dessa população.

Autora do livro “Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra”, a antropóloga Nilma Lino Gomes diz que “o corpo é um símbolo explorado nas relações de poder e de dominação para classificar e hierarquizar grupos diferentes”. No caso dos negros, o cabelo e a cor da pele têm importância fundamental como símbolos de identidade e é justamente nessas características que são mais atingidos quando o assunto é padrão de beleza.

A professora considera que o acordo proposto pelo Ministério Público é importante, na medida em que coloca em evidência e reafirma de forma positiva essa identidade. Contudo, ela alerta: “Vamos ter que reeducar as pessoas para lidar com a diversidade. Não basta colocar o mo-



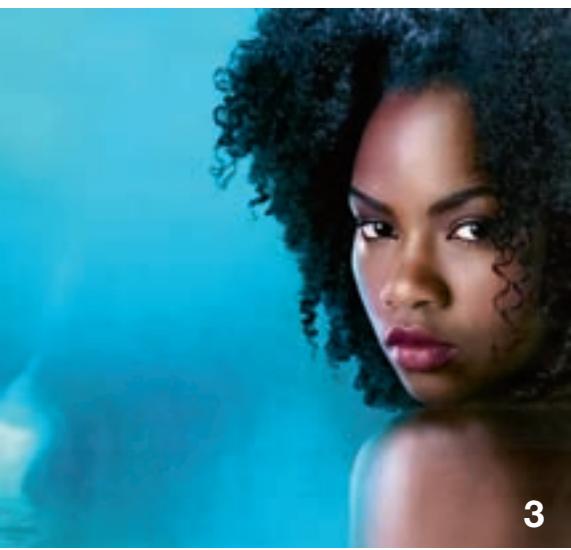
Ana Bella



1



2



3



4



5



6

delo negro na passarela, precisa saber que lugar ele vai ocupar, pois o negro tem que entrar com as mesmas possibilidades que os outros”.

Se no final da década de 90 parecia que o Brasil vivia um movimento de exaltação da imagem do negro, por que o assunto volta a ser discutido agora?

“Embora existam sinais de avanço conquistados pelos negros na ocupação de espaços importantes na sociedade, eu percebo que a gente ainda vive situações de muita carência e pouca visibilidade. A história é um processo que avança e recua, além de ser permeado pelo preconceito e pela discriminação”, diz a Mestre em Psicologia, Maria Célia Malaquias, professora da Faculdade Zumbi dos Palmares, instituição voltada para a inclusão do negro no ensino superior.

“Vivemos em um limbo. Em um momento seguimos um jeito antigo de ser, em outro desejamos um jeito novo de vir a ser. Transitamos nessa ponte que avança e recua. Essas questões todas têm um impacto no emocional. Ao mesmo tempo em que o ser negro está em evidência, nos deparamos com comportamentos que reforçam o racismo”, explica.

AÇÕES AFIRMATIVAS

Há carência de modelos negros nas agências. Esse foi um dos argumentos usados pelos estilistas para explicar a ausência de negros em seus desfiles.

Fotos ao lado: 1. Mery Ellen; 2. Diogo Wagner; 3. Jennifer Castro; 4. Robson Quadros;

5. Vinicios; 6. Tatyana Ribeiro

Fotos: Divulgação

As agências jogaram a bola para os estilistas dizendo que não têm negros porque o mercado não os absorve. No final das contas, o que fica evidente é que eventos como o SPFW refletem o pensamento da sociedade brasileira onde a beleza negra é negada.

Diante disso, fica a pergunta: esse tipo de ação afirmativa proposto pelo Ministério Público resolve? Não, mas ajuda e é fundamental.

Segundo a promotora, a intenção foi adotar uma ação que começasse a mudar a visão da sociedade sobre o assunto. “A idéia é oferecer oportunidades num segmento da sociedade onde o que é valorizado é a imagem e criar uma cultura para que, com o tempo, mais negros possam entrar nesse mercado.” Tomara!

Um termo visando maior participação de modelos negros e indígenas no SPFW (*São Paulo Fashion Week*), um dos maiores eventos de moda do País, foi assinado em 20 de maio entre a Luminosidade, empresa responsável pelo evento, e o Ministério Público de São Paulo. O acordo, denominado “termo de ajustamento de conduta” (TAC), dita uma série de providências para promover a inclusão social no mundo da moda, através do incentivo às grifes de contratar 10% de modelos.

Durante dois anos, o SPFW também se compromete a encaminhar para o Ministério Público, no final de cada edição num prazo de 30 dias, a comprovação do cumprimento da cláusula, bem como a relação de todos os modelos participantes, por desfile e por grife. Fatos supervenientes



Modelo no SPFW 2009



Paulo Reis / Divulgação

Desfile com modelos negros na semana de moda Casa dos Criadores

que impossibilitem o cumprimento do TAC deverão ser comunicados ao Ministério Público. O TAC é o resultado de um inquérito civil instaurado, no ano passado, pelo Gaeis (Grupo de Atuação Especial de Inclusão Social) do MP após a veiculação de matérias publicadas na imprensa sobre a ausência de negros nas passarelas dos desfiles da SPFW que repercutiu, inclusive, na imprensa internacional.

O não cumprimento do termo prevê multa de R\$ 250 mil. A medida causou polêmica entre os profissionais do mundo *fashion* e dividiu opiniões dos estilistas, das agências de moda e das próprias modelos.

AGÊNCIA É REFERÊNCIA

Entrevistado pela revista *Afirmativa Plural*, Hélder Dias Araújo, diretor da HDA Models, explicou que a diversidade no País não é fator de ganho em termos de moda. “Isso é folclore do ponto de vista de um sistema capitalista”, comentou, ele que há nove anos criou a agência, única representante dos modelos negros profissionais no mercado.

“Quando percebi a necessidade de atender as solicitações do mercado publicitário fundei a HDA Models, em setembro de 2000. Minha

proposta foi a de divulgar e propagar a beleza negra, através da moda, beleza e publicidade”, acrescenta.

Na contramão de muitos profissionais de moda que justificam a pequena presença de negros nos desfiles como uma “carência” de candidatas à modelo com o perfil no mercado, Araújo enxerga como preconceito, além de receio de apostar no novo, do ponto de vista de consumo e do poder de compra do negro.

Ele lembra, ainda, que os afrodescendentes representam 49,5% da população brasileira que também consome. Afinal, o negro come, veste e acima de tudo bom gosto e

sabe diferenciar o que serve ou não para o seu consumo.

Hoje cerca de 250 profissionais, entre modelos e atores, compõem o *casting* da HDA Models, cujo processo de avaliação do candidato preenche os critérios de avaliação física e fotogenia. Em seguida são analisadas a postura 'natural' e a estética que definirá se ele se encaixa no padrão de mercado. Seus modelos têm atuação internacional.

Natural de Alagoinhas (Bahia), Hélder Dias Araújo entrou no mundo da moda e publicidade quando inscreveu a sua irmã num concurso de beleza de uma revista setorizada.

Em menos de um mês, os dois vieram juntos para São Paulo para participarem da final do concurso. Resultado: ela foi a terceira colocada no concurso e ele recebeu um convite para trabalhar numa agência de modelos.

APAGÃO FASHION

O protesto realizado em 2008, que levou o Ministério Públco a instaurar o inquérito que resultou no acordo com os organizadores da *São Paulo Fashion Week* para que houvesse a indicação de, no mínimo, 10% de negros nos *castings* das grifes que fazem parte do evento, não foi

o primeiro na história da semana de moda de São Paulo.

Em 2001, um protesto batizado como "Apagão Fashion" já denunciava a ausência de negros no evento. Realizado no último dia de desfiles por modelos da agência Noir, a manifestação teve repercussão internacional.

No ano seguinte, a *São Paulo Fashion Week* teve como tema a identidade da moda brasileira. "Moda brasileira feita por brasileiros" rezava o slogan. Atrás das referências brasileiras, muitos estilistas olharam para elementos da cultura nacional, como o Carnaval, e uma das grifes

Foto: Mastrangelo Reino / Folha Imagem



Um grupo de 30 modelos negros fez um protesto no primeiro dia de desfile na entrada da SPFW 2009. A organização foi de André de Souza do Projeto Fashion Black, com o objetivo de chamar a atenção para o pouco número de negros – "apenas 4" – chamados para esta edição do evento, mesmo com o Termo de Ajustamento de Conduta.

chegou a fazer um desfile com 95% de modelos negros.

O jornalista e produtor de moda Joni Anderson, dono da Noir, diz que, na época, acreditou que algumas mudanças fossem acontecer, mas, avaliando o cenário hoje, ele diz não ter havido avanços significativos.

Na opinião de Anderson, falta ou-
sadia e sobra preconceito no mundo
fashion. Para ele, estilistas e empre-
sários de moda perdem dinheiro ao
fazerem questão de excluir os negros
da moda desconsiderando-os como
consumidores e negando as referê-
ncias culturais negras na construção de
um padrão de moda brasileiro.

Sobre as cotas, Anderson é crí-
tico e aponta questões mais profun-
das. Na opinião dele, a diversidade
na passarela exige uma reengenha-
ria. Seria necessário que os maquia-
dores, cabeleireiros, cenógrafos,
fotógrafos e todos os profissionais
que estão por trás desses desfiles
também fizessem seus trabalhos de
olho nessa diversidade.

“O brasileiro precisa conhecer
mais sua própria história e interagir
com ela. O país inteiro é influencia-
do por culturas diversas. A cultura
negra é conscientemente colocada
para baixo do tapete”, diz.

DINHEIRO DE TODOS, PASSARELA PARA TODOS

Uma das considerações feitas
pelo Ministério Público para a
assinatura do acordo com a empresa
Luminosidade, responsável pela *São
Paulo Fashion Week* foi o fato de o

“ O presidente americano pode ser negro,
mas na moda eu sou sempre uma exceção.
Eu tenho que trabalhar mais duro para alcançar
o mesmo nível que as outras **”**

Naomi Campbell

evento ser signatário de convênios
com pessoas jurídicas de direito pú-
blico, utilizando verba pública para
sua realização.

O argumento usado pelo Minis-
tério Público é o de que, se o Estado
brasileiro elegeu como uma de suas
políticas públicas a inclusão social
das populações negra, afrodescen-
dente e indígena, seria razoável que
tudo o que envolvesse verba pública
respeitasse essa política.

A utilização desse princípio não é
inédita. Em 2001, o Supremo Tribu-
nal Federal publicou um edital para
a contratação de serviços de comu-
nicação no qual havia uma cláusula
em que a empresa, para concorrer,
deveria ter política de inclusão racial.

Para o advogado e coordenador
do (CEERT) Centro de Estudos das
Relações de Trabalho e Desigualda-
des Hélio Silva Jr. nem seria necessá-
rio que tivesse verba pública para que
essa medida fosse adotada, mas ten-
do dinheiro público há que se esperar
que haja uma intervenção maior.

Segundo Silva Jr., o fato não gera
jurisprudência no sentido técnico do
termo, pois não houve decisão de ór-
gão do poder Judiciário, mas a exis-
tência de um acordo, por si só é um
antecedente importante.

Com larga experiência em cau-
sas que relacionam mercado de tra-

balho e racismo, o advogado alerta
para um aspecto importante do
acordo: a forma de inserção. “Não
basta inserir, tem que inserir de
forma análoga ao modelo branco.
E o MP deve ficar atento a isso.”

O UNIVERSO DA EXCEÇÃO

Naomi Campbell está na lista
restrita das super *top models* do mun-
do. Ela começou a carreira na década
de 1980, quando foi descoberta por
um agente da Elite Model. De lá pra
cá não saiu mais das passarelas. Filha
de jamaicanos e chineses, Naomi foi
a primeira negra a estampar a capa
das revistas *Vogue* nas edições fran-
cesa e inglesa. Figura carimbada nos
desfiles das maiores grifes da alta-
costura mundial, ainda assim ela é
uma das vozes que constantemente
se levanta para denunciar o racismo
que existe no mundo da moda.

A mais recente declaração da top
foi para a revista alemã “Glamour”, em
abril deste ano. “O presidente ame-
ricano pode ser negro, mas na moda
eu sou sempre uma exceção. Eu tenho
que trabalhar mais duro para alcançar
o mesmo nível que as outras”, afirmou.

Fazendo coro com Naomi estão
outros fashionistas negros como a ex-
modelo Iman e a estilista Tracy Reese.
Afinal, os números estão aí para tra-



Naomi Campbell

duzir o racismo denunciado por eles. No models.com, ranking que elege as principais tops do mundo, entre as dez primeiras colocadas não há nenhuma negra. A que tem a melhor posição é a belíssima mestiça entre negros e coreanos, Hanel Iman, em 17º lugar. Naomi ocupa 6º lugar na lista das super *top models* nesse mesmo ranking.

A discussão que acontece neste momento no Brasil sobre o assunto não é isolada. Em 2007, a estilista britânica Vivienne Westwood fez declarações que repercutiram na imprensa mundial. “Os editores deveriam ser forçados a usar uma proporção de modelos negras nas capas de suas revistas”, disse.

Efeito ou não dos protestos que vêm acontecendo pelo mundo, em fevereiro deste ano, a semana de moda de Nova York contou com uma novidade: a participação de um grupo especial, o *African Fashion Collective*. O grupo reúne as criações de quatro estilistas africanos: Xuly Bet, do Mali, Nkhensi Nkosi, da África do Sul, Fati Asibelua de Momo e Tiffany Amber, da Nigéria. A apresentação começou ao som da belíssima Grace Jones e na passarela estavam as tops Alek Wek, do Sudão, e Chanel Iman.

Por aqui, os primeiros efeitos da discussão parecem já estar acontecendo. Durante a 25ª edição da Casa de Criadores, evento dedicado a novos estilistas e que antecede a *São Paulo Fashion Week*, a dupla Renan Serrano e Fernanda Ruivo apresentou um desfile com *casting* composto somente por negros.

Vamos ver se desta vez a inclusão da beleza negra deixa de ser apenas uma tendência de moda e venha para ficar, de fato.

O EXEMPLO QUE VEM DA PROPAGANDA. SERÁ?

Em 1984 a atriz e cantora Zezé Motta fundou o Cidan (Centro de Informação e Documentação do Artista Negro). O objetivo era criar mais oportunidades de trabalho para artistas e modelos negros. Na época, as aparições de negros nas propagandas, quando havia, eram sempre reforçando estereótipos que colocavam o negro em papéis subalternos e em situações de submissão.

Hoje, 25 anos depois, não vemos com frequência peças publicitárias que textualmente desvalorizem a imagem do negro. De coadjuvantes passamos a vê-los protagonizando a venda de produtos e serviços. Mas será que já podemos dizer que há uma mudança real nesse mercado?

O fato de em 1996, a agência de publicidade Grotteria ter divulgado que havia uma classe média negra que consumia e que havia um mercado a ser explorado, certamente despertou empresas e agências para esse público. O poder de compra dessa fatia do mercado não podia ser desprezado e os negros queriam protagonizar os anúncios de produtos que eles iriam consumir.

No final dos anos 90 o mercado de cosméticos despertou para a de-

manda de produtos de beleza para negros. As mulheres negras já estavam cansadas de fazer malabarismos e misturas pouco ortodoxas na hora de se maquiar e mais exaustas ainda de não se identificarem como os produtos oferecidos nas gôndolas dos supermercados.

A partir de 1998 começaram a surgir produtos de beleza em massa para esse segmento e as cifras da indústria de cosméticos passaram a demonstrar que era lucrativo investir nesse mercado.

Segundo dados da Abihpec (Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos), divulgados em 2005, o segmento de produtos para cabelos voltados para negros movimentou, R\$ 836,61 milhões. O crescimento em relação a 2004 foi de 15,42%. Entre 1998 e 2005 o aumento foi de 143,8%.

Segundo a assessoria de imprensa, atualmente a Abihpec não faz o recorte de produtos para esse segmento, mas uma olhada rápida nas prateleiras permite ver que esse mercado se consolidou e continua rendendo. São produtos para maquiagem, condicionadores, hidratantes e relaxantes para cabelos que não saíram mais da linha de produção de grandes e pequenas marcas.

Outros segmentos do mercado seguiram o exemplo da indústria de beleza. Um dos exemplos mais recentes é o da marca de roupas Pool, que escolheu o cantor Seu Jorge para ser estrela da marca na próxima campanha.



Zeze Motta

Atualmente, importantes instituições financeiras e algumas empresas que oferecem produtos de alto padrão já podem alegar que colocam negros para anunciar seus produtos. Mas as que fazem isso ainda são exceção.

MERCADO PUBLICITÁRIO

Segundo Helder Dias, dono da *HDA Models*, agência especializada em modelos negros, ainda hoje seus profissionais são mais chamados para anunciar produtos populares. “Os negros fazem propaganda de produtos mais populares e geralmente ligados aos serviços do Governo. Quando é uma campanha de alto padrão, de modo geral usam tipos bem estilizados ou os negros aparecem fazendo figuração e bem lá no fundo”, afirma.

Isabel Fillardis começou a carreira como modelo, aos 11 anos. Atriz consagrada, em 2002 protagonizou uma campanha de sabonete que, até então, só havia sido estrelada por atrizes brancas, em geral loiras.

Na opinião da atriz, existe um receio das elites com relação à força da população negra. “O negro foi sempre subjugado. Isso foi incutido na cabeça das



Isabel Fillardis

pessoas e conforme a gente foi mostrando nossa força o medo das elites foi aumentando. Eles sabem da nossa força e não querem deixar que a gente ocupe os espaços”, avalia.

Para a atriz, existe uma “invisibilidade” do negro e uma forma maquiada de inserí-lo nos espaços de visibilidade. “Quando aceitam o negro, aceitam com o cabelo liso. Dizem que é mais bonito”, diz.

A atriz é a favor de cotas não apenas nas passarelas, mas também na TV. Na opinião de Fillardis, para que os negros mostrem seu talento eles precisam ter oportunidades para fazer outros tipos de papel.

“Eu sempre fui privilegiada. Entrei no momento certo e ocupei uma fatia do mercado que não existia. Mas está mais do que na hora de acabar com essa história de papel para negros. Nós podemos fazer qualquer papel,” diz a atriz citando como exemplo a colega Taís Araújo, que será a primeira protagonista negra de uma novela das oito da Globo.

A REALIDADE DO MERCADO

São poucos os modelos negros que conseguem viver exclusivamente da carreira, mas eles existem e travam uma batalha diária por um lugar na frente das lentes de fotógrafos e sob os holofotes das passarelas.



Seu Jorge é novo garoto-propaganda da marca Pool



Alessandra Pavan

A ex-modelo Natália Firmino

A carioca Iris Sol é modelo há oito anos. Depois de vencer vários concursos de beleza, começou a fazer campanhas publicitárias e já apresentou programa na TV. Cabelos ondulados, pele clara e 1,76m de altura, ela conta que hoje não encontra dificuldades para trabalhar, mas no início da carreira a agência que procurou não a aceitou por ser negra.

“As negras de pele mais clara têm mais vantagens”, diz a modelo que, mesmo estando dentro desse perfil, já passou pela experiência de fazer um trabalho no qual a proibiram de se expor ao sol e ainda a “embranqueceram” com maquiagem.

Apesar de ser chamada para muitos trabalhos, ela comemora o acordo do Ministério Público. “Sou a favor. Os que mais consomem somos nós. Somos a maioria da população. Porque não colocar mais negros na mídia?”, questiona.

A paulista Samira Carvalho, 19, apontada como uma das revelações da última *São Paulo Fashion Week*, também não tem do que reclamar. Trabalhando no Brasil e no exterior, participou de quase todos os desfiles da semana de moda de São Paulo. Apesar disso, ela reconhece que negras como ela não são comuns nas passarelas brasileiras. “No geral são quatro modelos no evento todo, e isso é pouco.”

“Sou a favor das cotas. Os que mais consomem somos nós. Somos a maioria da população. Porque não colocar mais negros na mídia?”,

Íris Sol

Ao contrário da colega carioca ela não se mostra entusiasmada com o acordo. “Infelizmente tivemos que chegar ao esquema de cotas. Mas se é para inserir, é válido. Fico triste porque está sendo dessa forma”, lamenta.

OUTRO LADO DA MOEDA

Aos 18 anos, a ex-modelo Natália Firmino decidiu que era hora de mudar de rumo. Depois de tentar, durante três anos, seguir uma carreira no mundo da moda ela resolveu investir em um curso de Medicina Veterinária. Dos anos de modelo não guarda boas recordações. “É muito NÃO na cara. É um mercado bem fechado para os negros. Eu ficava muito abalada com tanto não como resposta. Abala muito a nossa auto-estima,” relata.



Modelo na SPFW 2009

MODELO DE BELEZA

A paulistana Letícia Dias vive há 15 anos como modelo. Desde os 17 estampa capas de revistas, é presença constante em desfiles de lingerie na TV e raramente tem um dia de folga em sua agenda. Mesmo tendo a rotina que toda modelo gostaria de ter, ela conta que a carreira não é fácil para os negros. "Entrei no mercado numa época em que as pessoas estavam sentindo uma carência desse perfil. Falava-se muito sobre o assunto. Negro estava na moda. Depois foi esfriando. Agora estamos em uma fase que parece que todo mundo acha que está

bom, mas se você olha dá pra contar o número de negros trabalhando."

Apesar da beleza e de possuir todos os atributos que uma modelo precisa ter, Letícia diz que conseguiu se manter no mercado por pura sorte. "O que acontece é que, para mostrar que não tem racismo eles sempre colocam uma modelo negra. E eu venho sendo essa escolhida," conta.

Conhecendo a história de Letícia sabemos que essa sorte tem outro nome: determinação. Sempre correndo atrás das oportunidades, há dois anos Letícia foi trabalhar em Milão, na Itália, durante duas temporadas, por sua conta e risco. "É difícil a agência te negociar. A não ser que o cliente

peça uma negra, a agência não manda. Aí eu resolvi ir sozinha".

Em Milão, Letícia viu que é falso o argumento dos estilistas que dizem ser tendência a ausência de modelos negros nas passarelas. "Não sei que tendência é essa. Mesmo que essa tendência exista na Europa, o Brasil não pode cair nesse tipo de pensamento porque essa não é a nossa realidade".

Apesar de não minimizar as dificuldades impostas pelo mercado, Letícia também coloca o dedo em outra ferida: "Os negros no Brasil se acostumaram com esse mundo branco. Nós não somos unidos. Aqui a gente tem receio de mostrar que está lutando por um direito que é nosso. Lá fora os negros torcem por um negro porque ele é negro sim!", diz.

Sobre o acordo do Ministério Público de São Paulo para que as grifes da *São Paulo Fashion Week* adotem um mínimo de 10% de modelos negros em seus *castings*, Letícia é categórica. "Sou a favor das cotas. Não me preocupo se estão me contratando só porque sou negra. Eu quero é trabalhar. A cota é uma solução momentânea. Nossa presença na moda não deveria ser por lei, mas se não for assim os poucos modelos que ainda conseguem trabalho não vão mais existir."

Apesar de festejar o acordo, a modelo alerta: "Nós temos que ficar atentos. Os modelos negros querem ser chamados para trabalhar como modelos, não para ser o bicho da corrente. Não quero ser chamada para fazer qualquer coisa".





Letícia Dias

ESTÉTICA BRASILEIRA NÃO DEVE EXCLUIR NEGROS

Organizando um desfile de moda inspirado na África apenas com modelos negros, a atriz e cantora Thalma de Freitas acredita que a tendência mundial, desde a ascensão da família Obama ao governo da maior potência mundial é de inclusão de negros nas passarelas e revistas de moda.

A favor de cotas para negros nos desfiles de moda, a atriz disse ter ficado chocada com as declarações da estilista Gloria Coelho, que questionou a necessidade de colocar negros nas passarelas da *São Paulo Fashion Week*.

“O Brasil precisa de modelos negros nas suas passarelas para ter uma representação condizente com sua identidade cultural. O mercado da moda brasileiro não deve excluir a beleza negra de sua estética por ética profissional”, é a resposta de Thalma.

Leia a entrevista que Thalma de Freitas concedeu à Afirmativa Plural:

Qual sua opinião sobre a proposta de cotas para negros na São Paulo Fashion Week?

A pouca quantidade de modelos negros nas principais passarelas de moda do país é motivo de discussão há muito tempo. Entendo o sistema de cotas como um artifício político usado para combater a segregação dos educadores e empregadores, abrindo espaço para que estudantes encontrem

vagas nas universidades e profissionais negros tenham espaço garantido para competir no mercado de trabalho. Não sou uma defensora das cotas, mas neste caso, creio que a discussão é útil, já que não estamos vendo muito progresso nessa área. Pensando positivamente, esta é uma oportunidade importante para a moda brasileira enriquecer sua identidade.

O que você achou da declaração feita pela estilista Gloria Coelho que disse em matéria para a Folha de S. Paulo que já havia negros como costureiros e bordadeiras e questionou por que os negros haveriam de estar também nas passarelas?

O Brasil precisa de modelos negros nas suas passarelas para ter uma representação condizente com sua identidade cultural. Estamos falando do segundo maior setor da indústria mundial. Um mercado de trabalho importante demais para ser ignorado e, neste caso, a inclusão de negros na posição de modelo é mesmo para servir de exemplo.

Na sua opinião, existe uma invisibilidade do negro como consumidor de moda?

Não acho que os negros estejam invisíveis. Estamos trabalhando por nossas questões e temos a vantagem da quantidade de cidadãos envolvidos. Se pensarmos na população indígena, por exemplo, vemos o quanto o Brasil ainda precisa trabalhar para fazer justiça aos povos que o formam. Precisamos continuar lutando, não só por nós, mas por todos os brasileiros excluídos.

Estamos discutindo moda, mas

a presença de negros na publicidade e na TV, apesar de ter aumentado, ainda é muito desproporcional se formos falar em representatividade.

Qual sua opinião sobre cotas nessas áreas?

O próprio público é quem dita regras, neste caso, cobrando representação. A publicidade visa atrair o maior número de consumidores para seus produtos e nos tempos de hoje ninguém pode se dar ao luxo de ignorar uma parcela tão significativa de seu alvo. Não sou uma defensora das cotas. Acredito em mobilização popular através da mídia. As cartas e emails para os jornais e revistas têm muito valor.

Você está organizando um desfile só com modelos negras em homenagem à África. Como foi a escolha de modelos para o desfile?

O desfile que farei com o estilista Victor Dzenk será em janeiro de 2010. Até lá nossa realidade estará diferente. Estou inspirada na influência da África na cultura brasileira e especialmente encantada pelo trabalho do artista plástico baiano Ruben Valen-tim. Ainda falta muito para o desfile, mas posso adiantar que pretendo usar somente modelos negras, para me valer dos diversos tons de pele e demonstrar a beleza e a diversidade de nossa miscigenação. Existem muitas modelos negras lindas e aptas a trabalhar nos desfiles de moda, tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro. Tenho certeza que os profissionais de moda não terão problemas pra encontrar suas *new faces* e oferecer-lhes o lugar que merecem.



Thalma de Freitas

MP QUER INCLUSÃO SOCIAL NA MODA

No dia 20 de maio, o Ministério Público Estadual e a empresa Luminosidade Marketing & Produções Ltda., organizadora do *São Paulo Fashion Week* firmaram um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC). No documento, a *São Paulo Fashion Week* se compromete a sugerir a todas as grifes participantes do evento, com antecedência mínima de 15 dias a cada edição, a utilização de pelo menos 10% de modelos negros, afrodescendentes ou indígenas.

O TAC é resultado de um inquérito civil instaurado pelo Grupo de Atuação Especial de Inclusão Social (GAEIS) do Ministério Público, coordenado pela promotora Deborah Kelly Affonso.

Para falar sobre o assunto a promotora Deborah Kelly concedeu a seguinte entrevista para a revista Afirmativa Plural:

O que motivou a instauração desse inquérito?

Esse inquérito estava em andamento há mais de um ano. Foi instaurado em janeiro de 2008 por conta do movimento de alguns modelos no começo daquele ano, na SP Fashion Week. Esses modelos reclamavam da falta de oportunidades que eles tinham para desfilar no evento. A partir disso, um veículo de imprensa veiculou matérias sobre o assunto e uma delas apontava que o número de modelos negros no evento era muito pequeno, cerca de 3%. Além disso, as

matérias também mostraram que várias grifes não traziam nenhum representante da raça negra.

Os organizadores do evento colaram alguma dificuldade para que essa investigação fosse realizada?

Nesse caso a gente teve muita colaboração por parte dos organizadores do evento, que foram extremamente receptivos desde o começo. As dificuldades não foram por causa dos organizadores, mas o assunto é polêmico.

Esse inquérito apontou dados importantes sobre esse mercado...

O método de trabalho desse inquérito foi tentar entender por que não existiam modelos negros desfilando. Então nós tentamos cobrir toda a gama de atividades que envolvem o serviço final que é o desfile dos modelos. A *São Paulo Fashion Week* segue rigorosamente os padrões legais. Todos os modelos que participam do evento são, obrigatoriamente, inscritos no sindicato. Se eles não forem inscritos eles não participam. Uma das observações que nós fizemos foi a de que há um grande número de modelos negros sindicalizados.

O que foi alegado pelos estilistas para explicar a ausência de negros nas passarelas?

A primeira reclamação da qual nós tratamos foi a de que não havia modelos disponíveis no mercado pra isso. Então fomos constatar junto ao sindicato se existiam modelos negros. Existem e muitos. Nós chamamos os estilistas e falamos que o problema não estava na ausência de

modelos. Aí eles apontaram a questão do perfil de modelos. A partir de então começamos a falar com outros profissionais da área para podermos chegar a uma conclusão.

E qual foi essa conclusão?

Tudo o que era apontado como empecilho nós investigamos. Os estilistas diziam que não pegavam modelos negros porque as agências não tinham. As agências têm, mas não em grande número porque o mercado não absorve. Percebemos que há um círculo vicioso. Realmente não há um investimento muito grande em modelos negros. Ao contrário do que acontece com modelos que vêm do Sul do Brasil, onde desde cedo se observa que há um investimento da família para que as jovens sigam essa carreira, essa não é uma tradição dos afrodescendentes...

Por que foi adotado o percentual de 10%?

Nós colocamos um número mínimo para que se crie uma cultura, não só por parte das pessoas da moda, mas da sociedade como um todo. A idéia não foi estabelecer uma cota. Isso é uma ação afirmativa. É uma medida de inclusão social. Criar oportunidades num segmento da sociedade onde o que é valorizado é a imagem. Valorizar a imagem da raça negra, dos afrodescendentes e dos indígenas.

E por que o TAC tem a duração de dois anos?

No inquérito nós percebemos que poucas modelos negras estão nas agências. Conversamos com o pessoal



Deborah Kelly Affonso, promotora

das agências que nos disse que a preparação para que uma modelo fique apta para fazer os desfiles é de 2 anos. Nós colocamos um patamar mínimo, acreditando que se realmente for pela falta de profissionais preparados, que nesse período o número de modelos vá aumentando naturalmente. É a história do ovo e da galinha. A gente vai aumentar a oferta de mão-de-obra e com isso os estilistas e as agências vão ter mais opções.

Uma das considerações do acordo tem como base o fato de a SPFW utilizar verba pública para sua re-

alização. Isso abre um precedente para outras iniciativas desse tipo?

Não há lei que determine a adoção de ações afirmativas. O que acontece é que, cada vez mais, a sociedade é chamada a participar da ação pública. Para fundamentar esse acordo nós partimos do princípio da razoabilidade. O SPFW é o segundo evento mais importante para a economia da cidade e tem uma grande importância social. O evento recebe verbas públicas. É razoável, portanto, que haja uma contrapartida social. Nesse caso, qual era a ação social que se tinha, qual era

a reclamação? A presença de modelos negros, afrodescendentes e indígenas.

Existe alguma proposta de lei para que eventos que recebam verba pública adotem ações afirmativas ou outros tipos de contrapartidas sociais?

Estamos discutindo com alguns vereadores para que seja elaborado um projeto para que as pessoas que se beneficiarem de dinheiro público tenham como necessárias as ações sociais. A idéia é criar um selo social para que empresas ganhem incentivos ao adotarem ações sociais.

ESTILISTA FAZ SUCESSO NA INGLATERRA

“Queria morar no Brasil”. Frase pronunciada com extremo sentimento pela estilista negra brasileira Lena Santana, que cruzou o oceano e escolheu a Inglaterra para residir, cansada de enfrentar o preconceito de cor que existe no País. “O preconceito é uma questão econômica e social, mas o Brasil nasceu assim, e será difícil mudar esse comportamento. Aqui na Inglaterra – de onde concedeu a entrevista à *Afirmativa Plural* – não tenho que me justificar por não ser uma doméstica ou babá, diferentemente do meu País”, desabafa.

Quando decidiu ir pela primeira vez para Londres (onde ficou por oito anos) Lena Santana trabalhava como figurinista no segmento cinematográfico. Na capital inglesa estudou moda no *Surrey Institute of Arts & Design*. Ela havia aprendido a costurar roupas com a mãe por necessidade. Na Bahia, a família era pobre, porém tinha em mente que a condição social não os tornava inferiores. O que aprendeu com a mãe – da costura aos fortes valores sociais – Lena transferiu para a vida.

De volta ao Brasil, em novembro de 2003, às vésperas do *Fashion Week*, a ousadia a levou a encaminhar suas peças para a bancada que escolhe quem participa do evento. Aprovada na sabatina em tempo recorde, dentro da categoria Novos Talentos, a ideia de participar do desfile somente com modelos negras, foi barrada. “Na época, e ainda hoje, o

que se ouve dos estilistas é que a classe social alta não quer associar as roupas aos negros. Ao mesmo tempo, eles (os estilistas) se defendem: essa coleção não cabe aos negros. Mas tal argumento é frágil, afinal já fizeram mais de 20 coleções”, comenta.

No ano passado, Gary Duffy da BBC de Londres publicou um artigo sobre o evento onde escreveu: “embora o Brasil seja um país multirracial a maioria dos modelos é branca, com aparência européia (...) Fora a África, o Brasil é o país que tem o maior número de negros, mesmo

“ Embora o Brasil seja um país multirracial a maioria dos modelos é branca, com aparência européia ”

assim verifica-se a ausência deles nas passarelas (...) Nas agências de modelos a maioria das profissionais é branca, só 2% são negras.”

Segundo Lena Santana falta coragem às pessoas envolvidas nesse mundo da moda para mudar tais ideias e comportamento, pois no ano seguinte, mais uma vez ela ousou ao apresentar sua coleção no *Fashion Week* dessa vez só com modelos negras.

Casa 7

Seu lado empreendedor contribuiu para o nascimento da Casa 7, no Rio de Janeiro, um espaço destinado às artes plásticas, atelier, café, música e shows. Os visitantes da Casa queriam conhecer a estilista. “Quando eu ia

ter com eles percebia a decepção pelo fato de ser negra”, lembra.

“É difícil ser mulher, negra e pobre no Brasil. São Paulo, pelo fato de ter dinheiro é uma cidade mais resolvida; o carioca é mais racista e preconceituoso. Quando entro numa loja no Rio supõem que sou turista ou ficam desconfiados”, diz ela. No terceiro ano vivendo no País, a estilista já se dizia cansada de tentar mudar essa mentalidade. “Você só consegue fazer essa mudança com as pessoas à sua volta”.

Costureira refinada

Na Inglaterra desfruta as vantagens de viver a poucas horas de Paris, onde comprava os tecidos maravilhosos aos quais aplica toda sua criatividade e os elementos do dia-a-dia, como os fuxicos, hoje arte usada pelos estilistas, que Lena Santana aplica há muito tempo, conhecimento que adquiriu no passado com a mãe. “Não sigo tendências. Crio. Gosto de costurar na máquina, sou uma costureira refinada”, define.

Sua clientela é bem diversificada, principalmente quanto à faixa etária entre 18 e 70 anos, independente da cor de pele.

Lena Santana acredita no negro brasileiro como consumidor de moda. Fato constatado quando deu aulas na favela do Vidigal. “Lá as pessoas fazem crediário para adquirir roupas de marca e se comparar com as que vivem na zona sul. É uma questão de status e de não serem barreadas pela polícia”, conclui. ■



Criação Lena Santana

Nos últimos tempos, a população negra brasileira tem sido vista como um lucrativo nicho de mercado, porém ainda tem seus desejos e suas necessidades muito aquém de suas expectativas. Tal constatação é resultado de um trabalho científico realizado pelo professor Severino Ramos Ferreira Filho, da Universidade Metodista de São Paulo.

Sob o título “O consumidor Negro Brasileiro”, o trabalho do professor visa explicar o porquê de uma população expressiva de 49,5% de afrodescendentes ainda é tão carente. “Já há algum tempo vinha percebendo que o perfil da população negra vem sofrendo alterações na postura enquanto consumidor. Apesar de o mercado ainda não dar a devida atenção a esse segmento, o negro tem necessidades específicas que por vezes ficam sem solução aparente”, esclarece.

Empresas do setor de cosmética já identificaram a carência do negro e vem trabalhando para suprir essa lacuna no mercado e, atualmente, são as que mais lucram com o público afrodescendente. É o caso da Avon Brasil que trabalha com produtos específicos para mulheres de pele negra e cabelos crespos,

muito crespos, ou quimicamente tratados, há mais de 10 anos.

Como empresa global, presente em mais de 100 países, a visão da Avon Brasil é satisfazer as necessidades de produtos, serviços e autorealização das mulheres no mundo todo, por isso está sempre atenta às oportunidades de oferecer às consumidoras os produtos que atendam suas expectativas e necessidades específicas.

“Iniciamos com maquiagem, indicando à consumidora as cores ideais para a pele negra. Ainda utilizamos em nosso folheto essa identificação. Ouvindo as revendedoras e consumidoras, percebemos a importância dessa orientação na hora da compra. Afinal, o que toda consumidora busca quando vai comprar sua maquiagem é fazer a escolha adequada, que se harmonize com a cor da sua pele e realce sua beleza.

O negro consome

Por: Zulmira Felício, editora

Com a consultoria de Kaká Moraes diversificamos a paleta de cores, oferecendo mais opções para atender às mulheres brasileiras e a miscigenação do nosso país”, explica Ricardo Patrocínio, diretor de Marketing Cosméticos da Avon Brasil.

Sem divulgar valores de investidos quer na linha de maquiagem, o próximo passo da empresa foi cuidar dos cabelos da brasileira. O projeto envolveu pesquisas, pois mostrou a necessidade de investir em mais tecnologia e novos ingredientes específicos para os tipos de cabelo, como a manteiga de karité, que proporciona hidratação profunda, por exemplo. Uma pesquisa com mulheres afrodescendentes de 25 a 35 anos, com o objetivo de melhor compreender seus sentimentos e expectativas em relação aos cabelos, também contribuiu para a realização de alterações nas linhas de produtos. Em se tratando de maquiagem, as inovações estão nas tecnologias com complexos inteligentes capazes de adequar ao tom da pele, hidratar ou absorver o excesso de oleosidade onde necessário, beneficiando assim todas as mulheres negras.



Ricardo Patrocínio

Não há dúvidas de que os afro-descendentes constituem um grupo importante, inclusive como consumidor. “Acreditamos que os exemplos apresentados nessa entrevista são

indicadores de que a sociedade vem evoluindo, tanto no entendimento da abrangência do que significa diversidade cultural, sua discussão e prática da convivência com a diferença.

Quanto aos planos futuros da Avon Brasil firmamos nosso compromisso de continuar atentos às necessidades desse público, buscando satisfazê-lo”, conclui Ricardo Patrocínio. ■

Xerox

O comando da Xerox nas mãos de uma negra

Há 8 anos, a gigante americana Xerox Corporation estava à beira da falência. Uma mulher, Ursula Burns, foi encarregada de levar a empresa de volta aos trilhos. O resultado conseguido por Ursula ficou conhecido como “o turnaround do século”, pois recolocou a Xerox no grupo das maiores empresas do mundo. A mulher que fez tudo isso é negra e de uma família muito pobre, que galgou com talento, trabalho e determinação o cargo de presidente mundial da empresa. A partir do dia 1º de julho ela será também a segunda mulher e a primeira negra a responder como CEO (Chief Executive Officer), o mais alto cargo executivo da organização.

Além da competência demonstrada, o que faz de Ursula Burns uma singular mulher de negócios é sua história de vida. Ela foi criada em um conjunto habitacional de Manhattan e deve sua formação a uma mãe solteira obstinada, que lavou

“ Eu sou uma mulher negra, e o estereótipo de uma mulher negra na América não é o de uma pessoa de tecnologia, não em uma grande corporação e definitivamente não na liderança de uma grande corporação ”

e passou muita roupa para garantir uma boa educação para a filha.

“Eu sou uma mulher negra, e o estereótipo de uma mulher negra na América não é o de uma pessoa de tecnologia, não em uma grande corporação e definitivamente não na li-

derança de uma grande corporação”, afirmou em uma entrevista concedida à revista Época quando esteve no Brasil, no ano passado.

Depois de formada, Ursula entrou na Xerox num estágio de verão, em 1980. De lá para cá passou pelas áreas de engenharia e desenvolvimento de produtos até assumir, 20 anos depois, o posto de vice-presidente sênior. Em 2002, foi designada presidente de uma unidade chamada Business Group Operations, responsável pelas atividades da empresa em pesquisa, engenharia, manufatura e marketing de produtos. Em 2007 foi nomeada presidente mundial.

Engenheira com mestrado na Universidade de Columbia, Ursula lidera uma corporação que fatura US\$ 17 bilhões por ano e é líder mundial na gestão de documentos, tecnologia e serviços para empresas. Em 2007 ela apareceu em 11º lugar na lista das 50 Mulheres Mais Poderosas de 2007 da revista “Fortune”. ■





suspensão das cotas

Por Humberto Adami *

O Rio de Janeiro foi sobressaltado por uma polêmica no fim de maio de 2009. Por decisão do Órgão Especial do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, as cotas para negros da UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e outras estaduais, estavam suspensas, em virtude do deferimento de liminar numa Representação por Inconstitucionalidade ajuizada pelo deputado estadual Flávio Bolsonaro. O órgão especial é constituído dos 26 desembargadores mais抗igos do TJ/RJ, e ação de representação por inconstitucionalidade pode ser oferecida por deputados estaduais que vencidos na Assembléia, mesmo que por maioria absoluta, podem inquinar a lei de inconstitucional, e pedir que seja retirada de vigência. Mesmo que um só.

Pois bem, em 29.01.2009, o deputado mencionado requereu tal medida, visando que a lei 5.436 votada na Assembléia Legislativa fosse declarada inconstitucional. Essa lei tinha introduzido modificação na lei anterior, que estabeleceu o sistema de cotas para negros nas universidades estaduais, e também contemplasse filhos de

soldados militares e bombeiros mortos em serviço. O relator do processo n. 2009.007.0009, Desembargador Sergio Cavalieri, entendeu não deferir a liminar, mas levou a questão para ser decidida pelo plenário do Órgão Especial, que, em 25.5.2009, por 19 votos a 5, entendeu que a lei deveria, liminarmente, ter suspensa sua vigência, ou seja, não ter validade a partir daquele momento.

O fato anunciado com grande pompa pelos contrários a ação afirmativa causou grande conturbação entre estudantes, professores, público em geral, quanto é sabido que as cotas para negros na UERJ são celebradas em todo território nacional como a experiência mais longa em universidade pública, com o vestibular funcionando regularmente há mais de sete anos.

É fato que a existência de anos seguidos regularmente com o vestibular com cotas para negros na UERJ, desde a assinatura da lei pelo ex-governador Garotinho, com sucessivas mudanças e alterações posteriores, foram um marco para a ação afirmativa em todo o país. Os estudantes que se

formaram, permaneceram, lutaram com toda a sorte de desconfiança dos apóstolos do "eu to com medo", tal qual Regina Duarte nas eleições antes da vitória de Lula para presidente da República. Estavam com medo de que os cotistas baixassem o nível de escolaridade na universidade; instalassem o ódio racial nas mesmas; não alcançassem média ou conseguissem permanecer nas escolas; dividissem o país em pretos e brancos.

Nada disso aconteceu.

Logo uma grande reação se armou.

O IARA – Instituto de Advocacia Racial e Ambiental, com parceiros, impetrhou "amicus curiae" – amigo da corte – para que as razões de prosseguimento da cotas fossem mantidas, ao menos para o vestibular de junho de 2009, onde 70.000 estudantes já se encontravam inscritos. Três reitores das universidades se manifestaram afirmando ser impossível modificar o exame em tão curto espaço de tempo, considerando suprimir a prova.

O Governador Sérgio Cabral, com postura firme, sustentou que "racista era quem queria encerrar as co-

tas no Rio de Janeiro", e num recado claro, asseverou que mantida a decisão, iria ao Supremo Tribunal Federal postular a manutenção do sistema de cotas para negros em seu estado.

A UERJ mudando sua postura de aguardar os fatos, também ingressou com *amicus curiae* para dar voz aos que antes não tinham voz. Surpreendentemente, na véspera do julgamento, a professora Ivonne Maggie, paladina dos contra-cotas, entrevistada em periódico nacional, diz que tudo é fruto de dinheiro estrangeiro, como a Fundação Ford, e que isso produziu "advogados, discussão e polêmica? Ora, então quando nada disso acontecia, e os negros não tinham tais possibilidades de se fazer presentes e ouvidos, esse o cenário correto para o trato da questão racial no Brasil? Por certo que não.

Em 01.06.2009, com um resultado de 20 a 05, o Tribunal entendeu que a decisão da suspensão de cotas só valeria para o vestibular de 2010, e não para esse de 2009, o que deu folga e tranqüilidade para nos preparamos para os próximos passos. Foi, como se pode dizer, uma liminar para o ano que vem.

Haverá recursos de todas as partes, mas a lição mais importante é que não se pode relaxar na defesa judicial das ações afirmativas em todos os cantos e tribunais desse Brasil, onde mais de 50 universidades praticam ação afirmativa.

Vamos em frente! ■

* Humberto Adami é advogado e presidente do IARA – Instituto de Advocacia Racial e Ambiental



Humberto Adami

A cota de sucesso da turma do ProUni

Por: Elio Gaspari

A DEMOFOBIA pedagógica perdeu mais uma para a teimosa insubordinação dos jovens pobres e negros.

Ao longo dos últimos anos o elitismo convencional ensinou que, se um sistema de cotas levasse estudantes negros para as universidades públicas, eles não seriam capazes de acompanhar as aulas e acabariam fugindo das escolas. Lorota. Cinco anos de vigência das cotas na UFRJ e na Federal da Bahia ensinaram que os cotistas conseguem um desempenho médio equivalente ao dos demais estudantes, com menor taxa de evasão. Quando Nosso Guia criou o ProUni, abrindo o sistema de bolsas em faculdades privadas para jovens de baixa renda (põe baixa nisso, 1,5 salário mínimo per capita de renda familiar para a bolsa integral), com cotas para negros, foi acusado de nivelar por baixo o acesso ao ensino superior. De novo, especulou-se que os

Os pobres que entraram nas universidades privadas deram uma aula aos demófobos do andar de cima

pobres, por serem pobres, teriam dificuldade para se manter nas escolas.

Os repórteres Denise Menchen e Antonio Gois contaram que, pela segunda vez em dois anos, o desempenho dos bolsistas do ProUni ficou acima da média dos demais estudantes que prestaram o Prova. Em 2004, os beneficiados foram cerca de 130 mil jovens que dificilmente chegariam ao ensino superior (45% dos bolsistas do ProUni são afrodescendentes, ou descendentes de escravos, para quem não gosta da expressão).

O DEM (ex-PFL) e a Confederação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino foram ao Supremo Tribunal Federal, arguindo a constitucionalidade dos mecanismos do ProUni. Sustentam que a preferência pelos

estudantes pobres e as cotas para negros (igualmente pobres) ofendiam a noção segundo a qual todos são iguais perante a lei. O caso ainda não foi julgado pelo tribunal, mas já foi relatado pelo ministro Carlos Ayres Britto, em voto memorável. Ele lembrou um trecho da Oração aos Moços de Rui Barbosa: “Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante, e não igualdade real”.

A “Oração aos Moços” é de 1921, quando Rui já prevalecera com sua contribuição abolicionista. A discussão em torno do sistema de acesso dos afrodescendentes às universidades teve a virtude de chamar a atenção para o passado e para a esplêndida produção historiográfica sobre a



Sala de aula da Faculdade Zumbi dos Palmares - SP

situação do negro brasileiro no final do século 19. Acaba de sair um livro exemplar dessa qualidade, é “O jogo da Dissimulação - Abolição e Cidadania Negra no Brasil”, da professora Wlamyra de Albuquerque, da Federal da Bahia. Ela mostra o que foi o peso da cor. Dezesseis negros africanos que chegaram à Bahia em 1877 para comerciar foram deportados, apesar de serem súditos britâni-

cos. Negros ingleses negros eram, e o Brasil não seria o lugar deles.

A professora Albuquerque transcreve em seu livro uma carta de escravos libertos endereçada a Rui Barbosa em 1889, um ano depois da Abolição. Nela havia um pleito, que demorou para começar a ser atendido, mas que o DEM e os donos de faculdades ainda lutam para derrubar:

“Nossos filhos jazem imersos em

profundas trevas. É preciso esclarecer os e guiá-los por meio da instrução”.

A comissão pedia o cumprimento de uma lei de 1871 que prometia educação para os libertos. Mais de cem anos depois, iniciativas como o ProUni mostraram não só que isso era possível mas que, surgindo a oportunidade, a garotada faria bonito.

Fonte: Folha de S. Paulo, 17 de junho de 2009.



Zumbi dos Palmares consolida intercâmbio com Xavier University

“Mesmo que não soubéssemos qual era o nosso destino, saberíamos, apenas pelos sons, que estávamos em New Orleans, a capital do jazz”. É com essa certeza e entusiasmo que o professor de informática Carlos Roberto Leão, da Faculdade Zumbi dos Palmares, fala da experiência de ter frequentado a Xavier University of Louisiana, uma das mais importantes universidades negras americanas, e de ter conhecido aquela cidade tão famosa por sua musicalidade.

Do mesmo entusiasmo do professor compartilham Sandra das Neves e Priscila Faustino, estudantes de Administração da Zumbi. Os três fizeram parte do primeiro intercâmbio entre as duas instituições. O programa visa estabelecer vínculos duradouros entre as duas instituições como parte do Plano de Ação Conjunta para Eliminar a Discriminação Racial e Étnica e Promover a

Igualdade, assinado pelos governos dos Estados Unidos e do Brasil em março de 2008.

As duas estudantes e o professor ficaram em New Orleans entre os dias 10 e 20 de abril. Nesse período eles cumpriram uma agenda intensa de atividades. Passeio no *Steamboat* pelo rio Mississippi, visitas ao Museu Armstrong e ao Museu Mahalia Jackson, palestras, concertos e encontros com representantes da sociedade fizeram parte do roteiro. Houve tempo também para contemplar a bela paisagem do parque Louis Armstrong e para simplesmente respirar música. Afinal, eles estavam na capital do jazz.

Apesar de New Orleans ainda não ter se recuperado totalmente da tragédia do furacão Katrina, a

hospitalidade das pessoas impressionou os brasileiros. “Essa viagem acrescentou muito, não apenas para a minha carreira profissional, mas também foi um grande aprendizado de vida,” diz Sandra.

A passagem pelo Brasil

No mês de maio, as estudantes Cassandra Shepard, da área de História, e Morgan Valerie, do curso de Relações Públicas, e a professora do departamento de História, doutora Wendy Gaudin, todas da Xavier University of Louisiana, fizeram a segunda etapa do intercâmbio e estiveram em São Paulo entre os dias 29 de maio e 7 de junho para conhecer a Faculdade Zumbi dos Palmares.

A hospitalidade brasileira impressionou as visitantes, mas a diversidade cultural foi o que mais chamou a atenção. “Achei o Brasil um



Sandra das Neves, Wendy Gaudin, Morgan Valerie, Cassandra Shepard e Carlos Roberto Leão

país muito diverso. Adorei ter tido a oportunidade dessa imersão. Pude constatar a necessidade de melhorias na sociedade, mas ao mesmo tempo, gostei muito da experiência de estar aqui”, disse Cassandra.

Em sua passagem por São Paulo as representantes da Xavier conheceram a quadra da escola de samba Vai-Vai, uma das mais tradicionais da capital paulista. Elas também ensaiaram alguns passos de forró em uma casa nordestina, experimentaram delícias de nossa culinária como

a feijoada e visitaram vários museus da cidade, entre eles o Afro-Brasil e o da Língua Portuguesa.

“A comida é deliciosa e o povo muito caloroso, gentil, aberto e esperançoso. Essa oportunidade foi absolutamente surpreendente”, afirmou Morgan.

Para a professora Wendy a impressão que fica do Brasil é a de “um país cheio de esperança e sem medo de mudanças. As pessoas conhecem muito sobre sua origem étnica e sobre a diversidade e isso é maravilhoso

e muito diferente dos Estados Unidos”, avalia.

Como parte da programação, a professora Wendy ministrou duas palestras para os alunos da Faculdade Zumbi dos Palmares nas quais ela falou sobre a história dos negros nos Estados Unidos e dos processos de mudança na sociedade americana com relação às questões raciais.

Após as palestras, ela concedeu a seguinte entrevista para a revista Afirmativa Plural:

“ A Xavier foi criada por uma freira católica branca, que herdou muito dinheiro. Ela usou esse dinheiro para manter a universidade por muito tempo. Hoje recebemos verbas do nosso governo, do governo de outros países, de empresas e de ex-alunos ”

Afirmativa Plural: *A senhora analisa o racismo contra os negros nos EUA como subliminar. Normalmente fazemos essa observação para o que acontece aqui no Brasil.*

Dra. Wendy Gaudin: Há uma situação estranha no país porque, apesar de ter sido criado por imigrantes, o que existe hoje é muito preconceito contra imigrantes. Então, acho que atualmente não existe o preconceito declarado contra os negros, mas sim contra os imigrantes, principalmente latinos e asiáticos. Contra os gays é ainda pior. No entanto, quando você entra nas relações pessoais você vê que os negros ainda são discriminados. Por exemplo, quando um jovem branco traz uma namorada negra para casa, os pais ainda dizem “vocês podem ser amigos, mas só isso”. Existe uma linha que não é declarada e nem óbvia, mas que está presente.

Afirmativa Plural: *Apesar de a discussão sobre ações afirmativas não ser nova no Brasil, só agora ela passou a ter mais força. Nos EUA essas políticas começaram a ser adotadas na década de 60. Como elas são vistas hoje?*

Dra. Wendy Gaudin: Muitas pessoas estão falando que essas ações

não são mais necessárias e esse movimento está acontecendo dentro das universidades. Alguns estudantes concordam e outros não, dizendo que os negros hoje em dia não precisam mais dessa ajuda para entrar na faculdade. Algumas pessoas dizem que não deve mais ser sobre a raça, mas sim sobre a condição social. O que acontece é que uma parte da população negra não está mais na pobreza e não precisa mais dessa ajuda como precisava há 30 anos. Esse problema também é muito regional. Tanto na costa oeste quanto na leste, essa população está integrada com um nível social mais confortável. No sul ainda não, ainda existe muita pobreza.

Afirmativa Plural: *No Brasil muitos apontam o sistema de cotas adotado nos EUA como uma medida que contribuiu para o desenvolvimento dos negros na sociedade americana. Como está esse sistema hoje?*

Dra. Wendy Gaudin: De certa forma, elas ainda são usadas, mas são vistas como parte de ações afirmativas. Existem questões complicadas que envolvem o sistema de cotas, porque os alunos cotistas são vistos como inferiores e menos ca-

pazes pelos demais. Não sei exatamente como está esse sistema hoje. O que sei é que as universidades mais importantes não adotam mais porque elas acham que não faz mais diferença.

Afirmativa Plural: *O fato de os negros serem o maior grupo carcerário não mostra que ainda existe um forte racismo institucionalizado no país?*

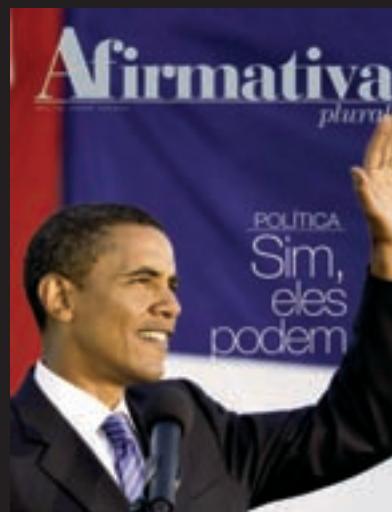
Dra. Wendy Gaudin: Esse tipo de informação pode ser usado para mostrar como os negros ainda são afetados pela pobreza e o racismo. Mas há um ponto importante a ser notado aqui: nem tudo o que é veiculado na imprensa é verdadeiro. Por exemplo, as mulheres negras ainda têm sua imagem associada aos programas de segurança social, mas, na realidade, as mulheres que mais recebem ajuda do governo são as brancas.

Afirmativa Plural: *A única universidade negra da América Latina, a Faculdade Zumbi dos Palmares, tem cinco anos de existência. Qual é o caminho para que essa instituição tenha o mesmo sucesso de uma universidade como a Xavier, fundada em 1925?*

Dra. Wendy Gaudin: Essa é uma pergunta difícil. A Xavier foi criada por uma freira católica branca, que herdou muito dinheiro. Ela usou esse dinheiro para manter a universidade por muito tempo. Hoje recebemos verbas do nosso governo, do governo de outros países, de empresas e de ex-alunos, mas o mais importante foi a reputação que a Xavier construiu ao longo de sua história. Esse é o caminho. ■

Afimativa é

um fórum onde personalidades
de todos os matizes políticos,
raciais, sociais e religiosos
discutem a integração e o
desenvolvimento do negro na
sociedade. SE VOCÊ CONCORDA, ASSINE EMBAIXO.



Desejo fazer uma assinatura da revista Afimativa.

Nome: _____

CPF: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

E-mail: _____

Se preferir, ligue para 0xx11 3229-4590 ou acesse www.afrobras.org.br

Assinatura por 1 ano (6 edições)

R\$ 49,00

Assinatura por 2 anos (12 edições)

R\$ 86,00

A História



se repete

A Zumbi dos Palmares forma mais 241 alunos
e consolida a mudança da história do negro no país





Formandos da Zumbi dos Palmares

Em 2003, quando os primeiros alunos da Faculdade Zumbi dos Palmares começaram o ano letivo, certamente não imaginavam que estavam escrevendo uma página importante da história do nosso país. Eram 200 jovens do curso de Administração que colocavam suas esperanças e sonhos nas mãos de profissionais que idealizaram e construíram a primeira universidade negra do Brasil e da América Latina. O sonho se tornou realidade com a formatura dessa primeira turma, em 2008. Se alguém ainda tinha dúvidas de que essa realidade não estava sedimentada o suficiente, elas se desfizeram no último dia 14 de maio, - aos 121 anos da Abolição da escra-

vatura no Brasil - quando mais 241 alunos de Administração da Zumbi (única instituição de ensino superior do Brasil e da América Latina que tem 87% de alunos afrodescendentes declarados) subiram ao palco do HSBC Brasil, em São Paulo, para receber seus diplomas.

A cerimônia de colação de grau marcou não apenas um momento importante na vida daqueles jovens, mas também comprovou que a construção de um outro Brasil, mais igualitário, com oportunidades iguais para todos e sem distinção de raça, não só é possível como já está acontecendo.

Durante a cerimônia, salvas de

palmas misturavam-se às lágrimas de alegria. O sorriso estampado no rosto de cada um dos formandos subitamente se transformava em choro emocionado que ninguém ali podia explicar, apenas sentir. E o sentimento que pairava no ar era o da satisfação do sonho realizado, da superação dos limites e o de se saber capaz de ir para onde os sonhos apontam. Afinal, dos 241 alunos protagonistas da segunda turma do curso de Administração, 90% deixam a Zumbi com lugar garantido no mercado de trabalho, graças às parcerias que a faculdade mantém com as mais importantes instituições financeiras do País.

Pais, professores e formandos di-



Formandos da Zumbi dos Palmares

vidiam os lugares do palco e da platéia com personalidades de expressão do cenário nacional. Políticos, empresários, artistas, profissionais liberais e esportistas marcaram presença no evento.

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso foi o patrono da turma que teve como paraninfos Fábio Barbosa, presidente do Grupo Santander Brasil e da Febraban (Federação Brasileira dos Bancos), a jornalista Glória Maria e a ginasta Daiane dos Santos. Do mundo do atletismo, Robson Caetano, também esteve presente para prestar sua homenagem aos formandos, como mestre de cerimônia, ao lado da atriz Adriana Alves.

Emocionada, Daiane dos Santos agradeceu aos alunos e a Afrobras pela indicação do seu nome como paraninfo. “Parabéns. Hoje é o dia de vocês e dos seus pais”.

“Estou honrada de participar desta festa. Sinto-me realizada, pois assisti aos primeiros passos de vida dessa instituição e agora vejo o objetivo sendo atingido”, completou Glória Maria.

“A diferença faz a diferença”, o próprio slogan do banco Santander foi lembrado pelo paraninfo Fábio Barbosa, ressaltando a importância da diversidade, afinal naquele espaço da Zumbi dos Palmares nunca tantas culturas diferentes tiveram tamanho contato uma com a outra. Talvez por

isso, o senador Cristovam Buarque disse que vai sugerir o prêmio Nobel da Paz para o reitor José Vicente.

A escola de todos

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso relembrou sua trajetória de vida, recordando-se dos tempos de juventude em que andava fazendo pesquisas em favelas e cortiços na cidade de São Paulo, época em que tomou conhecimento da real situação do negro no país. Diferente da atual, com alguns avanços, como jovens tendo a oportunidade de estudar e de trabalhar. “Eu nunca mais esqueci o que vi na minha juventude. Nós precisamos de ações afirmativas (...) o

esforço é mérito de cada um, mas precisamos criar condições”, frisou.

“O que devemos desejar ao Brasil é uma revolução na educação. Essa escola tem tudo para ser a escola de todos, mas só será uma escola de todos quando todos tiverem acesso à escola”, concluiu o ex-presidente da República.

Em seu pronunciamento, o reitor José Vicente começou agradecendo a Deus pela graça e pela honra de ter conseguido, ao lado de vários parceiros e colaboradores, transformar o sonho da primeira universidade negra do Brasil em realidade e ressaltou o fato de 60% dos formandos serem mulheres negras. “Na essência, somos todos filhos de lavadeiras, de mulheres fortes e bravas, que permitiram, com o pouco que tinham, que chegássemos aos bancos escolares”.

O reitor ressaltou ainda que, apesar de todo o trabalho que vem sendo feito, falta muito a realizar para a inclusão do negro na educação e no ensino superior no país. “São 241 formandos nesta turma. Esses são os números mais expressivos do ensino superior da América Latina. Não pode! Tem alguma coisa errada nessa educação e no país”. Se em toda a América Latina temos apenas uma universidade com um número de alunos negros elevado, ainda é pouco, se considerarmos que os negros constituem a metade da população brasileira. Apesar dessas considerações, o reitor foi categórico ao afirmar que a Faculdade Zumbi dos Palmares está conseguindo alcançar seus objetivos e mudar de modo efetivo a história do Brasil.

À mesa principal dos trabalhos da

cerimônia de colação de grau da Zumbi dos Palmares estiveram presentes: o reitor José Vicente; o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso; o ministro do Superior Tribunal de Justiça, Massami Uyeda; os desembargadores, Natan Zelinschi de Arruda e Nelson Calandra; o secretário adjunto da Seppir, Elói Ferreira; o secretário de Relações Institucionais do Estado de São Paulo, José Henrique Lobo; o presidente da Febraban e do Grupo Santander, Fábio Barbosa; o presidente do Citibank, Gustavo Marin; o diretor de Relações Institucionais do Itaú, Ricardo Terenzi Neuenschwander; o cônsul geral dos EUA em São Paulo, Thomas White; o senador Cristovam Buarque; a ginasta Daiane dos Santos; a jornalista Gloria Maria e o diretor acadêmico da Faculdade Zumbi dos Palmares, Edson Miranda. ■





Sou um soldado da Zumbi

Fernando Henrique Cardoso,
ex-presidente da República, patrono da 2^a
turma de formandos da Zumbi

“ Essa é uma escola da igualdade. Essa universidade tem tudo para ser uma escola de todos. ”

A emoção que eu sinto hoje tem um sentido muito especial.

Já na época em que era estudante, através dos estudos das obras de mestres como Florestan Fernandes e Roger Bastide, comecei a perceber a situação do negro no Brasil. Naquela época já sabia que não existia a democracia racial.... Nunca mais pude deixar de perceber que tínhamos que lutar contra a discriminação.

Vocês hoje vivem em um outro Brasil. Um país que pelo empenho

da comunidade negra e pela compreensão daqueles que sabem realmente que a democracia tem que estar fundada na igualdade é um Brasil que mudou. Não de todo, mas houve avanços. Hoje nós estamos vendendo aqui a formação de jovens que já estão no mercado de trabalho e atuando em uma área sensível, que é a financeira.

Nós precisamos de ações afirmativas. É indiscutível que nós precisamos ter consciência de que é preciso criar mais condições de igualdade e oportunidades. O grande berço dessa igualdade é a escola.

Essa universidade foi plantada para vicejar. O Brasil tem que se mirar no que está sendo feito pela Faculdade de Zumbi dos Palmares e reproduzir esse exemplo.

Essa é uma escola da igualdade. Essa universidade tem tudo para ser uma escola de todos. Mas só será realmente de todos quando todos tiverem acesso à escola. A partir de hoje, sou um soldado da Zumbi dos Palmares e lutarei para que ela tenha o seu campus definitivo, no Clube Tietê, em São Paulo, onde já está localizada.”





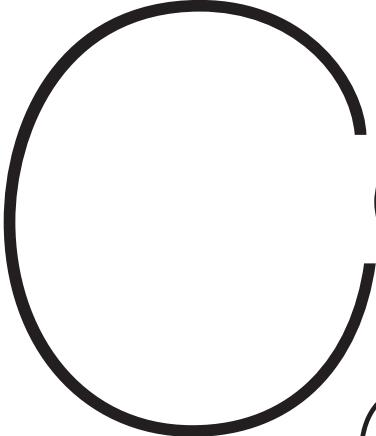
“Agradeço à Faculdade Zumbi dos Palmares por abrir as portas para tantos irmãos. Quero agradecer a vocês, formandos, por mostrar mais uma vez que é possível. Que nós podemos chegar lá, se nós quisermos, se tivermos determinação. Agradeço à Afrobras pelo trabalho tão bem feito, não só para os negros. Essa turma que está aqui é exemplo para outros formandos, futuros administradores do Brasil.”

Daiane dos Santos, campeã mundial de ginástica olímpica, paraninfo



“ Mais do que emocionada eu estou orgulhosa de estar aqui essa noite, participando dessa festa que é uma festa de todos nós, negros e brancos. Eu assisti aos primeiros passos da Zumbi e agora estou vendo os objetivos serem atingidos. Obrigada a todo mundo que está lutando para que a gente possa estar aqui hoje participando dessa noite. A determinação é importante, mas a alegria de chegar lá é indispensável. Hoje a minha esperança é realidade graças a todos vocês! ”

Glória Maria, jornalista, paraninfo



Coragem e determinação

Fabio Barbosa,

presidente do Grupo Santander Brasil
e Federação Brasileira dos Bancos, paraninfo

“ Hoje vocês estão começando uma nova etapa, com um diferencial competitivo e com a oportunidade de se tornarem líderes desse país. ”

O presidente americano Barack Obama vem disseminando pelo mundo a cultura da responsabilidade e da cidadania. É um exemplo vivo de que através da diversidade temos acesso a outras formas de pensar e a uma riqueza de idéias importantes para o nosso desenvolvimento como indivíduos e sociedade.

Aqui no Brasil, já demos alguns passos importantes para diminuir as desigualdades econômicas e sociais acumuladas durante a nossa história, mas sabemos que muito ainda precisa ser feito para que possamos ter de fato a diver-

sidade de raça, gênero, condição física e origem social aceita e exercida em todos os aspectos do nosso convívio.

Essa é uma universidade que está voltada para as necessidades da comunidade negra, mas também acolhe a todos que estão buscando ampliar a sua formação. É um lugar importante para qualificar e conscientizar os jovens e ajudá-los na inclusão no mercado de trabalho. Só conseguiremos superar esse histórico de vulnerabilidade e desvantagens oferecendo educação diferenciada para a comunidade.

É com orgulho que vejo como

essa turma de alunos da Faculdade Zumbi dos Palmares enfrentou as dificuldades e se tornou exemplo para todos. Coragem e determinação. Pelo que foi feito e pelo que virá. Hoje vocês estão começando uma nova etapa, com um diferencial competitivo e com a oportunidade de se tornarem líderes desse país.

Visualizem o futuro de vocês e usem o que aprenderam para ajudar na construção de uma economia mais consciente, que respeita as pessoas e está atenta para o meio-ambiente. E sirvam de inspiração para a nova geração que está por vir.



O caminho da Vitória

José Vicente,
reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares

“ A partir de hoje, vocês têm a chave que abre todas as portas. A chave do conhecimento. Façam um bom uso dela. ”

Quero dizer a vocês formandos, que não permitam nunca que a soberba tome conta da vida de vocês. Não percam a compreensão de quem são e de onde vieram. Somos todos filhos de lavadeiras. Se hoje vocês estão em instituições financeiras importantes, nunca se esqueçam que elas torceram e lutaram por vocês para que isso acontecesse.

Vocês, a partir de hoje, têm a chave que abre todas as portas. A chave do conhecimento. Façam um bom uso dela e não esqueçam de todos que os auxiliaram. Onde estiverem, partilhem com os outros o que vocês aprenderam.

O caminho que vocês estão inaugurando é de vitórias, mas vocês têm uma responsabilidade. Não acabou a

discriminação no nosso país. Não ficou nada mais fácil. Você們 estão mudando de patamar e talvez os inimigos passem a ser mais ferozes ainda. Portanto, vocês precisam da mesma determinação e da mesma consciência.

Ajudem a mudar o nosso país. Muito obrigado a todos que ajudaram a tornar esse sonho em realidade.

Que Deus ilumine a todos vocês!





brigado aos



parceiros



Durante a formatura da segunda turma de Administração da Faculdade Zumbi dos Palmares, a instituição prestou uma homenagem aos parceiros que dão força ao projeto educacional. As personalidades e empresas homenageadas foram: Unibanco, Itaú, HSBC, Citibank, Consulado dos Estados Unidos da América, Santander, Bradesco, Universidade Paulista, Nestlé, o Senador Cristovam Buarque e o ex-reitor da Universidade Metodista de Piracicaba, Almir de Souza Maia.



“A formatura dos alunos da Zumbi e a preparação desses alunos para o mercado de trabalho representam um marco significativo no mês em que se comemora a Abolição da Escravatura. A Zumbi é uma obra muito importante do reitor José Vicente que se empenhou e acreditou ser este o caminho possível de ser alcançado. Tem que se incrementar o apoio das empresas nesse projeto.”

José Luiz Rodrigues Bueno, diretor de Recursos Humanos do banco Bradesco



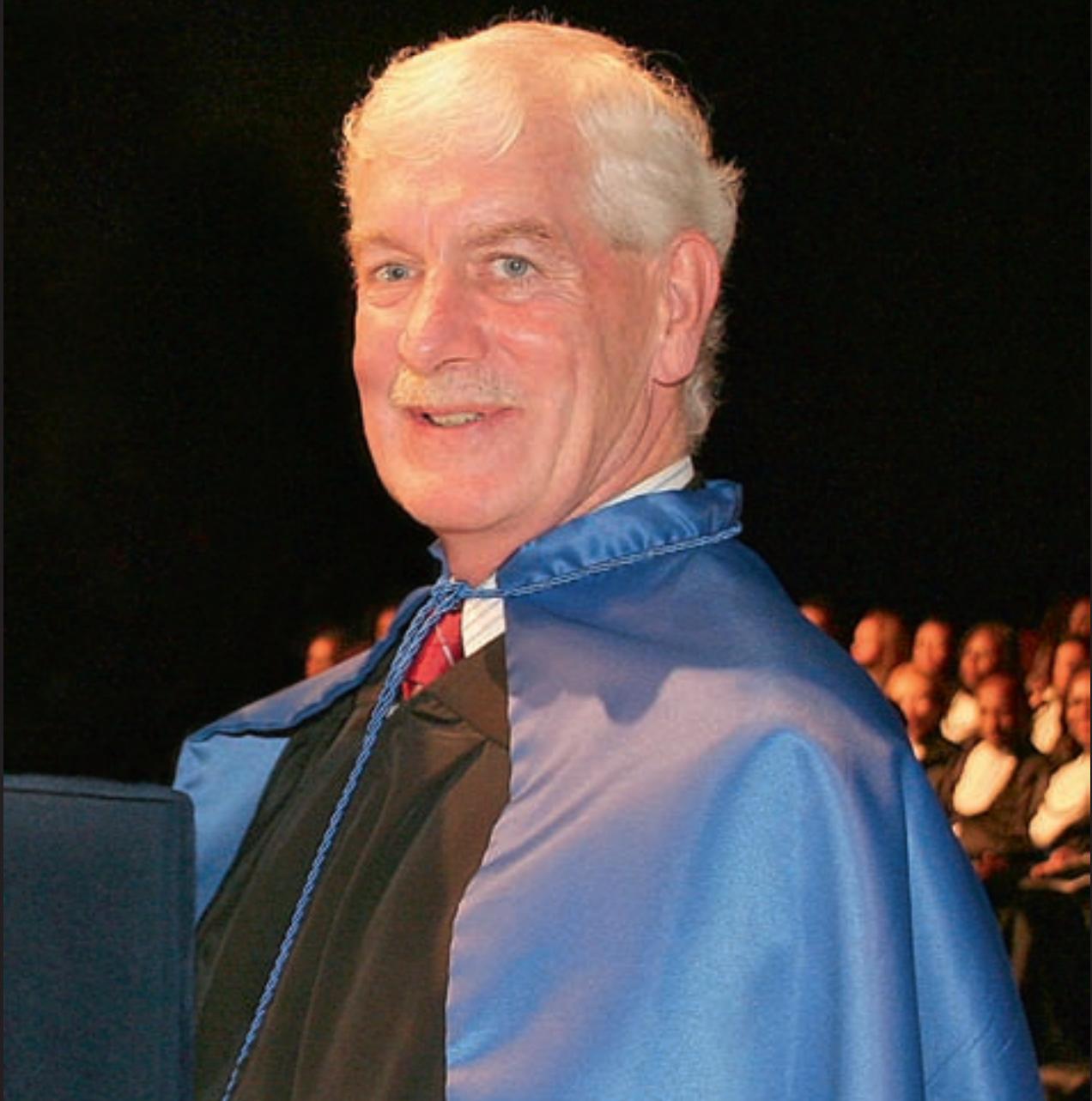
“A Faculdade Zumbi dos Palmares é um projeto de inclusão educacional e profissional e está cada vez mais consolidada. Esta segunda turma de formandos do curso de Administração é a prova. E eu tenho orgulho de ter participado desse projeto desde o início das suas atividades.”

João Carlos Di Genio, reitor da Unip



“Qualquer que seja a inclusão é positiva diante da diversidade brasileira. A Nestlé está presente no País há 88 anos e se orgulha de conhecer o consumidor brasileiro que é diverso. Essa mistura de raças é que faz a beleza do nosso povo e, portanto, essa formatura representa a oportunidade das empresas em adquirir cultura através dessa diversidade e de conhecer melhor o consumidor brasileiro. ”

João Dornellas, diretor de Recursos Humanos da Nestlé Brasil



“É uma honra participar desse momento histórico: a formatura dos alunos da Zumbi dos Palmares, instituição com a qual mantemos uma boa parceria. O convênio de intercâmbio levou um professor e dois alunos da faculdade aos Estados Unidos e a Zumbi recebeu alunos americanos. Precisamos aprofundar ainda mais essa parceria, pois a Zumbi tem um papel importante na sociedade brasileira: proporcionar a oportunidade de acesso à educação.”

Thomas White, cônsul geral dos Estados Unidos em São Paulo



“ **C**om a Abolição da Escravatura a liberdade adquirida pelos negros nunca representou a oportunidade igualitária. Diante da desigualdade precisamos ter políticas afirmativas. A Zumbi é a ação afirmativa capaz de formar uma elite no Brasil que será cada vez mais diversa e igualitária. É fundamental entender que a diversidade é um ativo econômico para as empresas. ”

Wanda Engel, superintendente executiva do Instituto Unibanco



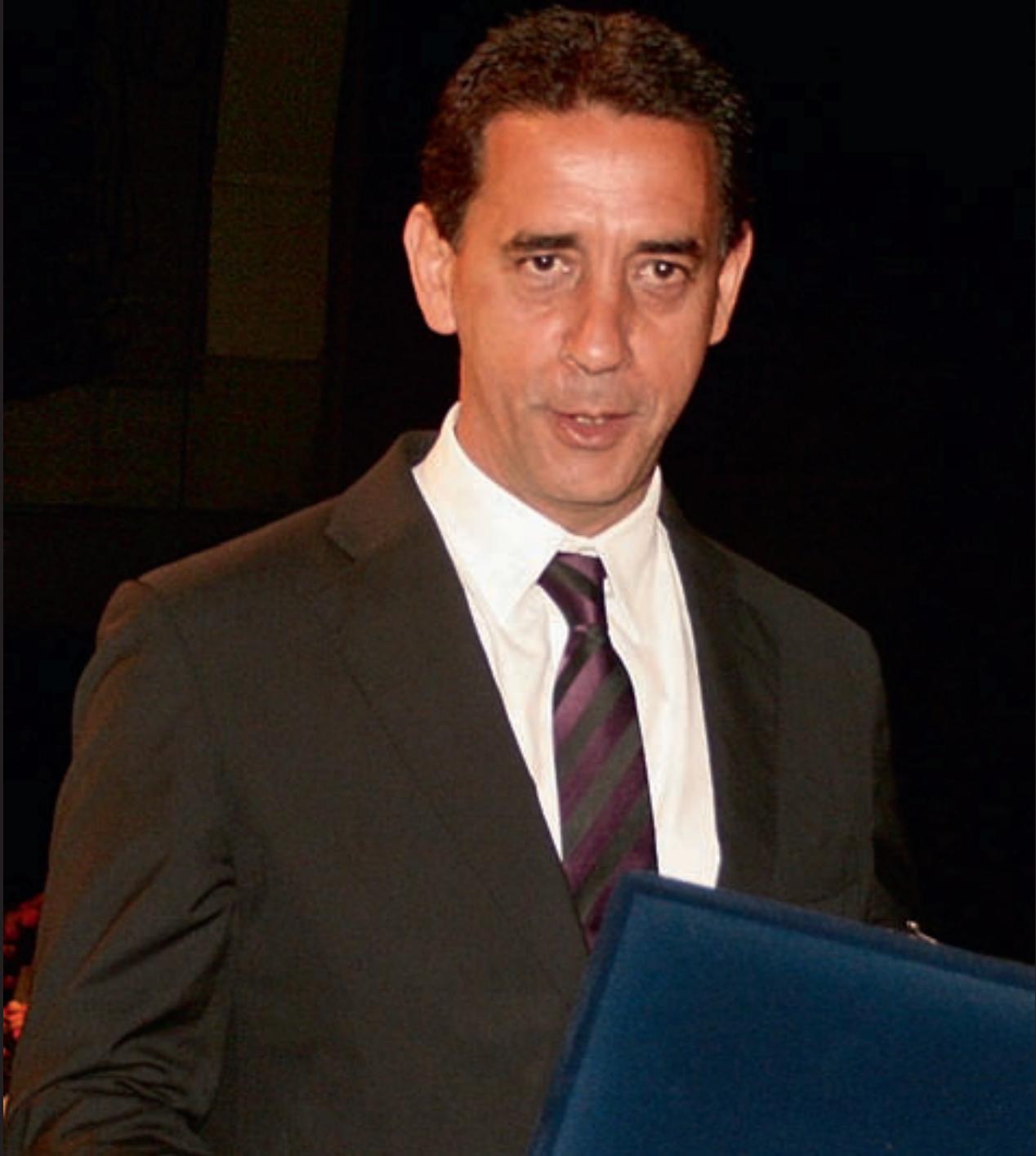
“ Não aceitem ser apenas espectadores. Vocês têm que ser parceiros e parceiras desse mundo novo. Esse mundo tem que surgir carregado na consciência da necessidade de casar a natureza à civilização pelo respeito ecológico. Esse futuro também tem que ser carregado sobre a educação das nossas crianças. Não há outro caminho. Só a educação é capaz de fazer com que sejamos iguais nas oportunidades. ”

Cristóvam Buarque, Senador da República, ex-ministro da Educação



“A formatura da 2ª Turma do Curso de Administração da Zumbi dos Palmares, como ocorreu com a 1ª Turma em 2008, tem um significado relevante em termos de inclusão social; um símbolo que marca, histórica e politicamente a atuação da Afrobras em prol da ampliação dos afrodescendentes na educação superior brasileira. É a concretização tardia do sonho de igualdade e oportunidade começando a acontecer em nosso país com mudanças e ações afirmativas impulsionadas por movimentos da sociedade civil e atuação dos poderes constituídos. ”

Almir de Souza Maia (Reitor UNIMEP 1986/2002)



“É uma feliz coincidência desses alunos se formarem na semana em que se comemoram os 121 anos da abolição. Mas, essa não é uma coincidência por acaso. É fruto de um trabalho de entusiasmo e da iniciativa de José Vicente que abraçou a causa, a fim de fazer um Brasil mais justo e em prol dos negros. O País precisa de iniciativas com o foco na educação para que, no futuro, possa colher o fruto desse trabalho. A Zumbi é a realização de um sonho hoje concretizado.”

Mário Hélio de Souza Ramos, diretor-executivo da Fundação Bradesco



“ Foi uma honra muito grande para nós, do HSBC, participar da cerimônia de formatura da 2ª turma do curso de administração da Faculdade Zumbi dos Palmares. Esta formatura confirma o sucesso da iniciativa do reitor José Vicente, grande responsável pela criação e sucesso da Zumbi dos Palmares. Nossos parabéns aos formandos, aos professores e a todos os outros membros da faculdade. ”

Edison Dias, diretor regional do Estado de São Paulo, HSBC



“Essa formatura é um dos mais importantes exemplos de promoção à educação e de acesso às oportunidades profissionais desenvolvidos por uma instituição de ensino. A busca por parcerias com empresas de diversos setores contribui para abrir o caminho destes jovens no mercado de trabalho. Projetos como esse inspiram as empresas a valorizar a diversidade como elemento importante na criação de um ambiente criativo e motivador para as equipes de colaboradores.”

Ricardo Terenzi Neuenschwander, Diretoria de Relações Institucionais, Itaú Unibanco



“ O Citi é um parceiro de primeira hora da Faculdade Zumbi dos Palmares. Nós estamos muito orgulhosos dessa parceria, que começou em 2005, com uma experiência piloto muito bem sucedida. No primeiro momento incorporamos 15 alunos como trainees. Essa experiência teve tanto sucesso que na segunda turma incorporamos mais 30 trainees. Desde então o programa não parou mais de crescer. Hoje temos cerca de 30 funcionários efetivados que saíram desse programa realizado em parceria com a Faculdade Zumbi dos Palmares. Esse programa é uma fonte de talentos que vai ajudar muito no crescimento da nossa franquia e do nosso negócio no Brasil. ”

Gustavo Marin, Presidente do Citibank



“Acredito que a solução para todos os problemas passa pela educação. A educação é a oportunidade que falta às pessoas. É uma grande honra estar aqui presente nessa noite. Mais uma vez, parabenizo José Vicente pelo projeto de educação qualificando as pessoas para que possam ter a sua oportunidade e condições de crescimento. ”

Fabio Barbosa, presidente do Grupo Santander Brasil



1 – Henrique Braun, Coca-Cola; **2** – Luiz Lara, Agência Lew Laran / TBWA e Fábio Barbosa, Santander; **3** – Osvaldo Nascimento, IBM; **4** – Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente do Brasil; Thomas White, cônsul EUA; Massami Uyeda, STJ; Nelson Calandra, desembargador; **5** – Natan Zelinschi de Arruda, desembargador; **6** – João Carlos Di Genio, UNIP; **7** – Dina Costa, DS ONE e Mario Hélio Souza Ramos, Fundação Bradesco; **8** – Elói Ferreira de Araújo, Seppir, e Daiane dos Santos, ginasta; **9** – José Vicente, Zumbi dos Palmares; Adriana Alves, atriz; Fernando Henrique Cardoso; Glória Maria, jornalista e Robson Caetano, atleta; **10** – Vitória de Souza Lima, Coronel PM e Maria Ap. de Laia, da Coordenadoria dos Assuntos da População Negra (CONE); **11** – Theodosina Ribeiro, ex-deputada/SP; **12** – Massami Uyeda, STJ; Cristovam Buarque, senador; José Henrique Lobo, secretário de Relações Institucionais do Estado de São Paulo; José Vicente, Zumbi dos Palmares; Fábio Barbosa, Santander; Gustavo Marin, Citibank; Thomas White, cônsul EUA e Edson Miranda, diretor da Zumbi dos Palmares.





Baile de



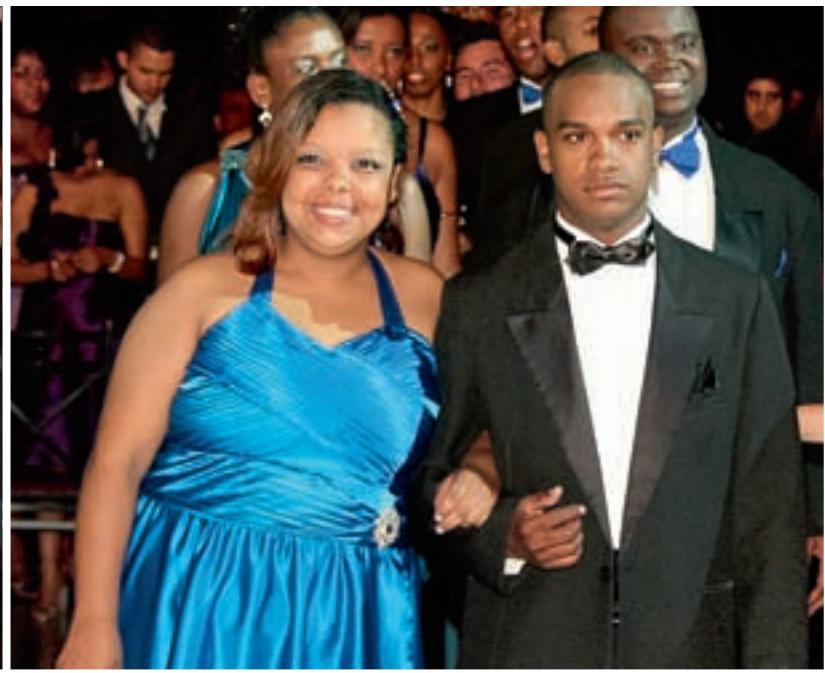
Com muita pompa e circunstância. Foi assim a formatura dos 241 alunos da segunda turma de Administração da Faculdade Zumbi dos Palmares. O baile, que aconteceu no

dia 15 de maio, no Espaço das Américas, em São Paulo, reuniu alunos e familiares em uma festa linda, com direito a um banquete requintado, música ao vivo e, sobretudo, muita

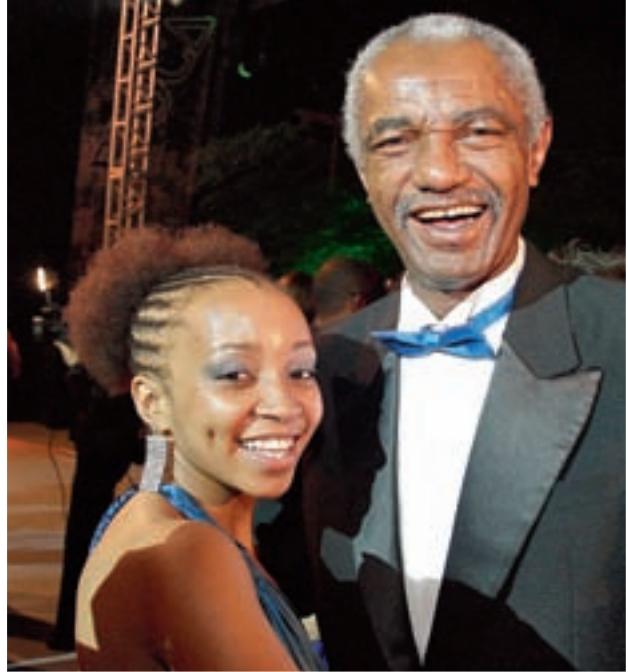
emoção. A comemoração, que foi até as 5h da manhã, foi encerrada com chave de ouro com a participação da bateria nota 10 da escola de samba Vai-Vai.

9ala













empreendedor ou escravo?

Por: Christian Barbosa*

“O dia em que eu for dono do meu próprio negócio, terei mais tempo para mim”. Quem já não ouviu ou disse essa frase alguma vez na vida? Talvez você tenha sido uma dessas muitas pessoas que falavam isso com frequência. Infelizmente, essa afirmação é uma das coisas mais irreais que vejo quando falamos de administração do tempo para empreendedores.

O empreendedor “padrão” é aquela pessoa que tem uma tendência a ser *workaholic*, deixar de lado as coisas importantes na sua vida em função do crescimento da empresa, está sempre pensando em inovações, mais resultados, etc.

A maioria dos empreendedores

que conheço vira escrava do próprio negócio, pois não consegue separar a vida pessoal da vida empresarial. Eu fui assim durante muitos anos e o pior é que nem percebia o quanto me afundava no meu próprio estresse. Hoje vejo o quanto isso me fez mal e por isso recomendo algumas dicas para reverter esse quadro:

1. **Pare e pense qual caminho sua vida está seguindo** – se você cuida tanto da empresa e se dedica pouco para você e para suas atividades importantes, pode perceber que focou seu tempo em tarefas erradas e, às vezes, isso acontece tarde demais. Conheço muitas histórias de empreendedores que cresceram com a empresa, mas destruíram suas vidas e depois passaram a questionar se realmente o esforço de tentar fazer com que a empresa prosperasse, esquecendo-se da vida pessoal, valeu a pena. Equilibrar sua vida profissional com a pessoal é muito importante para ter um futuro com maior sentido e sem arrependimentos;
2. **Delegue o máximo que puder (você não é onipresente!)** – o empreendedor precisa ter a consciência de que outras pessoas também podem realizar o trabalho que ele faz, pois ninguém é insubstituível. Isso não tira sua responsabilidade, mas o liberta para focar em outras



atividades mais importantes. Se não for possível delegar algo a alguém, o crescimento da empresa estará diretamente ligado ao tempo do empreendedor, que pode ser bem limitado. Obviamente, ele não delegará definição de metas ou

estratégias, mas o operacional deve ser, ao máximo, passado à equipe;

- 3. Aprenda técnicas de gerenciamento do tempo e redução de estresse** – chega um certo momento em que estamos tão assolados de urgências e atividades circuns-

tanciais que precisamos de ajuda externa para conseguir enxergar uma solução. Recomendo que procure um treinamento que o ajude a incorporar novas técnicas de administração do tempo e redução de estresse no seu coti-



diano. Elas funcionam e podem ajudar a sair dessa fase negativa;

4. Coloque momentos importantes para você mesmo em sua agenda semanal. Não deixe que os seus dias sejam compostos inteiramente por urgências e circunstâncias. Comece a colocar pequenos momentos para você em sua agenda como, por exemplo, um almoço em família, sair um pouco mais cedo para ir ao cinema, buscar seus filhos na escola, praticar um esporte ou algum outro *hobby*. Além de ser importante para você e para suas relações sociais, atividades prazerosas como essas renovam suas energias e dão mais disposição para aguentar a pressão do dia-a-dia;

5. Aprenda com suas urgências – a maioria das questões urgentes da sua rotina ou da sua equipe poderia ser evitada! Na próxima vez que algo urgente

acontecer, pare e pense como pode evitar que esse problema se repita. Em geral, com antecipação de atividades e planejamento você conseguirá reduzi-las com sucesso;

6. Domingos são para atividades pessoais – sua família e sua vida precisam de você. Sempre que possível, evite ao máximo utilizar seu domingo para trabalhar. Desligue seu notebook, seu celular e esqueça a empresa. Faça passeios com a família, aproveite seu tempo com as pessoas importantes de sua vida. Recomendo que no final do dia você planeje a semana, de modo a priorizar atividades importantes para seus dias e prevenir eventuais urgências;

7. Escolha uma ferramenta para gerenciar o seu tempo – para que sua organização e planejamento sejam feitos da melhor maneira,

você precisa ter uma agenda eficiente, um celular, um *palm top* ou então um site na Internet que o ajude a priorizar seus dias, planejar suas metas, agendar reuniões etc. Cada pessoa tem uma preferência por um tipo de “organizador” diferente. Seja no computador ou no papel, encontre qual forma é melhor para você e coloque-a em prática.

Por último, mas tão importante quanto qualquer uma das dicas citadas acima, é que você já agende suas férias. Se a empresa não vive sem você por pelo menos 10 dias, é melhor você repensar toda estrutura e organização do seu empreendimento. ■

* especialista em gerenciamento do tempo e produtividade pessoal e empresarial. Autor dos livros *A Tríade do Tempo – A Evolução da Produtividade Pessoal*, Ed. Campus, e *Você, Dona do Seu Tempo*, Ed. Gente. Sócio da Triad. www.triadedotempo.com.br e www.maistempo.com.br

NEGROS EM FOCO

POR ELAS

Apresentação: Monica Santos
e Francisca Rodrigues



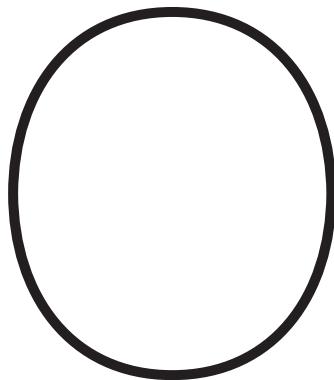
futura

**Negros em Foco por
Elas. Um programa feito
por mulheres que pode
ser assistido por todos.
Inclusive pelas mulheres.**

O programa Negros em Foco por Elas tem tudo o que interessa à comunidade afrodescendente. Com uma vantagem fundamental: o charme e a beleza da afrodescendente brasileira. Feito, dirigido e apresentado por elas, o programa está cada vez mais bonito. Você não pode perder. Veja abaixo os horários e os canais onde o programa é exibido. E bom divertimento.

TV Aberta (canal 9 da Net)	RBI (Canal 14 UHF)	Rede Mundial (Via Satélite)
Sábado: 18h30	Domingo: 21h30	Sábado: 15h30
	Quarta-feira: 21h30	Domingo: 15h30
		Quarta-feira: 21h30

* Negros em Foco por Elas é alternado semanalmente com o programa Negros em Foco.



que fazer se for demitido?

*Por: Gutemberg B. de Macedo**

Como conquistar uma nova posição no mercado de trabalho em uma era sem emprego? “Em primeiro lugar, controle o seu destino ou, então, alguém o fará de maneira perversa e egoísta. E, para isso, cada pessoa deve traçar o seu mapa de vida”, diz Gutemberg B. de Macedo, presidente da Gutemberg Consultores. As pessoas não devem se impressionar com o mapa de seus pais, professores ou colegas e adotá-lo como alternativa para sua vida e carreira. “Quem o fizer, fatalmente acabará perdido no meio do caminho por mais rico em detalhes que ele possa ser, pois esse não era o seu mapa e não o levará ao seu destino”, ressalta Gutemberg.

O consultor explica que de nada valerá um MBA, fluência em vários idiomas, pensar positivamente, ter exposição internacional ou experiência de trabalho em grandes empresas, se o profissional estiver com o mapa errado. Para configurar o seu próprio mapa, o profissional deve fazer as seguintes perguntas: o que eu poderia fazer? (avaliação do mercado); o que eu posso fazer? (avaliação sobre você mesmo); o que eu quero fazer? (definição de seu verdadeiro objetivo de vida e carreira).

“Se você está desempregado, prepare-se permanentemente para o mercado, mantenha o bom humor, não permita que os seus pontos fortes se transformem em pontos fracos, antecipe-se para criar e aproveitar as

oportunidades, seja flexível, invente o futuro ao invés de redesenhar o passado, concentre-se nos seus objetivos, estabeleça prioridades, decida ser sempre positivo e controle suas atitudes”, exemplifica o consultor.

Por isso, se você está nessa situação, mantenha-se calmo e focado. Além de fazer bem para você, trará mais chances de sucesso nas buscas por um novo emprego. “A demissão é uma bênção divina. É a possibilidade que a natureza lhe dá para empreender e transformar sua vida pessoal, familiar e profissional de maneira diferente”, finaliza o consultor Gutemberg de Macedo. ■

** presidente da Gutemberg Consultores*

Como preparar um “kit emprego”

Dicas do consultor Gutemberg sobre como estar preparado para as próximas oportunidades de trabalho:

- 1) escreva a sua história no currículum vitae;
- 2) divulgue a sua história na carta de apresentação;

- 3) tenha ao menos três referências pessoais e profissionais, o seu capital mais valioso. Não precisa entregar junto ao currículum e a carta de apresentação, mas mantenha-os em mãos caso o entrevistador solicite;
- 4) elabore um pacote de remune-

ração, o seu valor econômico financeiro. Mas somente trate do assunto no final do processo seletivo;

- 5) escreva uma carta de agradecimento, a expressão de seu nível de educação e civilidade. Jamais deixe de agradecer, mesmo que através de email, a oportunidade.



Para gerenciar o período pós demissão, o consultor Gutemberg B. de Macedo oferece as seguintes dicas:

- 1)** coloque as suas emoções em ordem;
- 2)** busque apoio e compartilhe com a família os seus sentimentos;
- 3)** enxugue as suas despesas - 30% no mínimo;
- 4)** tenha clareza das coisas que você pode fazer bem, a fim de não transformar seus esforços num fracasso total;
- 5)** não crie a expectativa de encontrar empresa ou posição igual à anterior. Defina o que você pode fazer, usando a sua habilidade e experiência;
- 6)** evite rótulos ou títulos de representação. Você é um ser distinto;
- 7)** descubra o que o torna mais competitivo no mercado;
- 8)** ignore "o que o mercado oferece". Vá em busca daquilo que você realmente deseja em sua carreira;
- 9)** vá à procura de empresas que lhe ofereçam desafios e não apenas salário e benefícios;
- 10)** dedique, no mínimo, 40 horas por semana na busca de novo emprego;
- 11)** não espere se empregar no dia, semana ou mês seguinte à sua demissão;
- 12)** conduza-se elegantemente todas as vezes que sair de casa. Você nunca sabe de antemão com quem vai se encontrar;
- 13)** demonstre orgulho e satisfação ao falar sobre suas realizações e conhecimentos. Enfatize os resultados obtidos;
- 14)** pense positivamente. A busca de uma nova colocação jamais deve ser transformada em pesadelo;
- 15)** férias nem pensar. Esta não é a melhor hora.

Por: Ricardo Piovan*

so correto do feedback: bons resultados

No Brasil, apenas 27% dos líderes aplicam formalmente a prática do feedback com seus colaboradores. Entre eles, apenas 36% envolvem os funcionários na definição das ações de desenvolvimento profissional ou correção de conduta que irão beneficiá-los. Esses dados, que provém de pesquisas feitas por revistas especializadas, mostram o despreparo da maioria dos gestores para a aplicação do feedback, uma poderosa ferramenta de desenvolvimento das equipes de trabalho.

Realizada com objetividade e assertividade, essa prática cria a oportunidade de APROVAR comportamentos das pessoas ou ORIENTÁ-LAS a adotar os métodos e as atitudes solicitadas pela organização. A falta de conhecimento sobre o assunto começa pelo próprio conceito de feedback. Muitos o entendem como

“retorno pelo resultado obtido”, quando, na verdade trata-se do “retorno sobre o comportamento que produz o resultado”. Há uma grande diferença entre uma coisa e outra.

Essa diferença fica bastante clara com um exemplo. Imaginemos que o gestor solicite um relatório a determinado colaborador da equipe, e este produza um trabalho excelente, com informações relevantes que sequer haviam sido solicitadas. Se o gestor parabenizar o colaborador pelo relatório, que é o resultado do trabalho, o colaborador ficará satisfeito, mas não saberá precisamente o que fez para o resultado ser tão bom. Por outro lado, se o gestor exaltar a atitude de exceder as expectativas, o feedback reforçará o comportamento do colaborador, incentivando-o a exceder as expectativas em outras tarefas que realiza.

O mesmo princípio deve ser seguido em situações de feedback de desenvolvimento (erroneamente chamado de “feedback negativo”). Imaginemos que o relatório do colaborador tivesse erros de cálculo e ortografia. Na sessão de feedback, o gestor deve procurar identificar os comportamentos do colaborador que provocaram os erros, por exemplo, falta de atenção a detalhes e má administração de tempo.

Identificados os comportamentos que causam problemas, líder e liderado devem, juntos, elaborar um plano de ação para que as situações indesejáveis não tornem a acontecer. O plano pode incluir ações como leituras ou um treinamento específico para a administração do tempo, por exemplo. É importante frisar que o plano deve ser fruto de um acordo entre líder e colaborador, e não uma



Ricardo Piovan

Divulgação

imposição do líder. Se a intenção é fazer com que a pessoa se comprometa a realizar determinadas ações, ela deve participar da construção do plano.

A prática do feedback, quando bem aplicada, produz benefícios tangíveis tanto para as pessoas como para as organizações. Prova disso é um dos dados do levantamento “As 500 Melhores e Maiores Empresas

do País”, realizado anualmente pela revista Exame. Segundo a pesquisa, receber orientação e/ou aprovação do líder, contribui diretamente com a satisfação e a motivação dos colaboradores.

Nessas empresas, com certeza, o feedback positivo é utilizado como recurso para reforçar condutas que produzem bons resultados, enquan-

to o feedback de desenvolvimento orienta o colaborador a avaliar e modificar comportamentos que o limitam, de modo que ele possa buscar continuamente a melhora de seu desempenho. ■

** consultor organizacional, administrador de empresas com especialização na área de bancos e finanças, diretor da Portal Fox, autor do livro “Resiliência- como superar pressões e adversidades no trabalho”.*

Escolas de Campina Grande vão ganhar hortas agroecológicas

Iniciativa da Fundação Banco do Brasil e do Instituto Camargo Corrêa, a reaplicação da tecnologia social de Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (Pais) será criada em 30 estabelecimentos de ensino público de Campina Grande (PB), integrantes do Programa Escola Ideal. A ação tem como parceiros a Prefeitura e a Associação de Orientação às Cooperativas do Norte e Nordeste (Assocene).

Inicialmente, o projeto piloto será levado a 30 escolas – 24 da zona urbana e seis da zona rural - de Campina Grande, escolhidas por análises técnicas que levaram em consideração as características do terreno, a disponibilidade hidráulica e de energia, o número e a idade dos alunos. A expectativa é de que, até 2010, cerca de 210 escolas de outros seis municípios também tenham as hortas do Pais em seu terreno.

Nas escolas, a implantação do Pais - uma horta com canteiros circulares, para culturas diferentes e complementares, irrigadas por gotejamento e adubadas organicamen-

30 instituições públicas
do Programa Escola
Ideal serão beneficiadas

te – tem como objetivo promover a educação alimentar, por meio da oferta diversificada de produtos para a merenda escolar e, a educação ambiental, pela disseminação de informações sobre o uso sustentável dos recursos naturais.

Engajamento - O presidente da Fundação Banco do Brasil, Jacques Pena, disse que o sucesso da iniciativa depende muito do engajamento dos gestores das escolas, mas lembrou que também é preciso incorporar a experiência a todo o processo pedagógico da unidade, além de mobilizar alunos, professores e demais funcionários das instituições.

Segundo informou, ao implantar uma horta, a escola estará lidando com componentes da economia regional, com um sistema de técnicas e tecnologias, com sustentabilidade ambiental, capacitação e accompa-

nhamento. “Por ser um ambiente de reprodução de conhecimento, a escola é um lugar ideal para receber o Pais, até então implantado pela Fundação Banco do Brasil e parceiros em assentamentos e propriedades de agricultores familiares”, declarou.

A representante do Instituto Camargo Corrêa e coordenadora do Programa Escola Ideal, Eugênia Franco, disse ser sempre desafiador propor mudar a rotina e o dia-a-dia de uma escola. “Implantar essa nova maneira de trabalhar com meninos e meninas, conquistando o seu interesse e tornando a experiência motivadora e gratificante é nosso maior objetivo”, completou.

Em todo o país, a Fundação Banco do Brasil já reaplicou a tecnologia social em 42 municípios de 14 estados, com investimentos sociais de R\$ 12,2 milhões. São 2.774 unidades construídas em terras de agricultores familiares, em áreas indígenas e quilombolas, atendendo cerca de 10 mil famílias. Na Paraíba, são mais de 100 unidades em Monteiro, Sumé e Gurjão. ■



Divulgação

C4 VTR Turbo

Por: Francisca Rodrigues, editora executiva



Está pronto o C4 VTR Turbo. Projetado e desenvolvido em parceria com a Personal Parts, o modelo foi inspirado no universo dos grandes bólidos esportivos e no C4 WRC, uma das grandes sensações do Campeonato Mundial de Rali.

“Buscamos unir o universo do Tuning com o prestígio internacional da Citroën Racing, que já conquistou quatro títulos no WRC na categoria construtores e cinco entre

os pilotos”, afirma Reinaldo Siffert, gerente de marketing de produto da Citroën do Brasil.

DNA esportivo

Externamente, o C4 VTR Turbo traz kit aerodinâmico completo (incluindo saias e aerofólio), novas lanternas traseiras, ponteiras duplas de escapamento e película nos vidros. A carroceria do C4 VTR Turbo ganhou também

modelagem diferenciada nos pára-choques, que se tornaram maiores e mais agressivos.

O perfil lateral foi valorizado por meio da utilização de um conjunto de rodas aro 20” da marca Tsuya, além de pneus Yokohama 225/30 R20. Além disso, alinhado a nova imagem de marca, o modelo recebeu uma exclusiva pintura branco pérola.

Buscando uma condução mais veloz e esportiva, o motor teve seus



números referenciais aumentados em cerca de 30%. Para tanto, uma turbina Master Power com 0,4 bar de pressão e um intercooler foram acrescentados. No intuito de suprir a maior necessidade de combustível, um bico injetor auxiliar foi instalado para enriquecer a mistura ar/gasolina.

O volante com comandos centrais fixos agrupa ao alcance da mão as principais funções de conforto e de ajuda à direção. Esta disposição

ergonômica – que privilegia a simplicidade de utilização dos comandos – favorece o prazer de dirigir e aumenta a segurança, já que permite a utilização de um airbag para o motorista com formato otimizado.

Alguns equipamentos reservados a veículos dos segmentos superiores também aparecem no C4 VTR, como os faróis de xenônio direcionais de dupla função com acendimento automático, regulador

e limitador de velocidade, detector de chuva, retrovisor interno eletro-cromo, entre outros.

Uma verdadeira atmosfera de serenidade reina dentro do espaço interno. Ela é reforçada pela presença de um dispositivo para perfumar o ambiente e por um sistema de ar condicionado automático digital com regulagens distintas de temperatura para os lados esquerdo e direito do habitáculo. ■

plural



Índios, desinformação e Preconceito

O cidadão alemão Armin Meiwes foi condenado em 2006 à prisão perpétua por ato de canibalismo. O episódio grotesco foi notícia na imprensa de todo o mundo, mas não ocorreu a ninguém afirmar que os alemães são antropófagos.

Temps atrás, cinco jovens indígenas da tribo Kulina foram acusados de matar e devorar um jovem branco num ritual de canibalismo. A notícia correu o mundo.

Onde a grande imprensa deixou um vazio que resconde a preconceito, a internet vai mais fundo. O Blog da Amazônia, produzido pelo jornalista Altino Machado, foi à fonte e entrevistou o pagé Tata Yawanawá, de 94 anos, reconhecido como uma grande reserva de conhecimento sobre as tradições culturais das etnias unidas pelo tronco linguístico Pano.

Recentemente, ele foi o responsável pela iniciação, pela primeira vez, de uma jovem indígena no xamanismo. Ao submeter a jovem aos duros rituais antes permitidos apenas a jovens do sexo masculino, ele ampliou as possibilidades de preservação das tradições tribais. Tata Yawanawá garante que o canibalismo não faz parte dessas práticas.

A entrevista, com tradução de Joaquim Tashka:

“Nós não somos urubus!”
Tata Yawanawá

“Venho da Terra Indígena do Rio Gregório, onde moro, para uma breve visita a Rio Branco, capital do Acre. Fiquei sabendo aqui que nossos parentes Txapunawá, conhecidos pelos brancos como Kulina, estão sendo acusados de prática de canibalismo contra um branco no município de Envira, no Estado do Amazonas. Fui convidado a falar sobre este assunto pelo Blog da Amazônia e devo esclarecer que jamais meus avós ou pais mencionaram a prática desse tipo de ritual entre nossos parentes Txapunawá. Nós conhecemos os Txapunawá como grandes cantadores, fortes pajés e por gostarem de comer cobra jibóia. Desde pequeno, cresci com meus pais e meus avós antigos. Ouvi falar de muita coisa. Desde jovem aprendi com os mais velhos a tomar uni, a bebida sagrada também conhecida como ayahuasca. Aprendi a rezar com os mais velhos, a usar as plantas medicinais, a fazer tratamento de

pessoas enfermas com a nossa medicina tradicional. Vendo isso, pude aprender com os mais velhos. Hoje estou velho, já ficando velho. O que ouvi de meu pai é que existiram alguns povos, povos muito antigos, que guerreavam entre si e, quando seus companheiros morriam na luta, eles comiam. Não perdiam nada, cremavam o falecido e faziam uma sopa. Faziam isso porque acreditavam que podiam incorporar o espírito do falecido. Mas isso faz muito tempo. Há muito não escuto que isso esteja acontecendo em nossa realidade. Antigamente acontecia isso. Ouvia meu pai contar. Não podemos comer os brancos. Eles não são animais para a gente comer. Não somos urubus para comer os mortos. Devem estar enganados ou mentindo quando dizem que os Kulina estão comendo os mortos. Não podemos comer uma pessoa igual à gente. Segundo os mais velhos, os povos que comiam seus mortos só comiam seus próprios parentes. Eles não comiam os brancos. Eles diziam que os brancos eram azedos e amargos. Por isso nunca comiam os brancos.” ■

Fonte: Instituto Ethos

Foi como uma metáfora da África ideal – pessoas de cores e nacionalidades diferentes cantando juntas o amor por sua terra. O *Dia da África*, comemoração anual pela fundação da União Africana, em maio de 1963, celebrou a beleza da cultura do continente em festivais espalhados por vários países. Em Johanesburgo, na África do Sul, dezenas de bandas se apresentaram na Praça *Mary Fitzgerald*, no centro da cidade, durante quase 12 horas. E entre artistas angolanos, nigerianos, senegaleses, sul-africanos, estavam os brasileiros do *Afroreggae*. Tecnicamente, os únicos artistas de fora da África. Mas na prática – e na batida – o exemplo de que cultura não respeita limites geográficos.

A turma da comunidade de Vigário Geral, no Rio de Janeiro, causou certo estranhamento de início. Num país tão influenciado por música pop americana, como a África do Sul, o *Afroreggae* era apenas uma desconhecida banda “*de Brasília*”, como anunciou a locutora do even-

to minutos antes da apresentação. Mas uma hora depois de tocarem pela primeira vez no continente que os batiza, deixaram o palco sobre gritos de “*We want more*” e “obrigado”, assim mesmo em português.

“É a realização de um sonho, esperamos muito tempo por isso – descreve o baterista Cosme. – A

África ideal

Por: Rafael Pirrho, de Johanesburgo

gente sente uma energia diferente, olhamos para as pessoas e nos identificamos com elas. Apesar de termos nascido em países diferentes, fazemos parte de um mesmo povo”.

No calendário especial preparado pela África do Sul para comemorar o *Dia da África*, estavam ainda exposições na capital Pretória, shows em Soweto e oficinas de música para crianças.

“Os eventos programados são exemplos da diversidade, vibração e da riqueza cultural da África”, explicou Rosemary Mangope, diretora geral do Departamento de Artes e Cultura da África do Sul.

Além de turistas, muitos imigrantes africanos foram ao festival. Pessoas que vivem na África do Sul, muitas vezes de maneira ilegal, atraídas pela possibilidade de emprego na maior economia do continente.

“É muito legal ver gente de vários cantos da África aqui. Como há atrações de muitos países, acho que é uma forma de cada um se sentir mais perto de casa”, afirma a sul-africana Thabi Seekane.

“É importante ter festivais assim. Hoje as pessoas ouvem muitas músicas estrangeiras, então é sempre bom valorizar a cultura africana, mostrar de onde a gente veio”, completa Mauduzai Nyampule.

Mabusha Masekela, um sul-africano apaixonado por música brasileira, era um dos mais empolgados durante o show do *Afroreggae*. Listou uma série de artistas como Caetano Veloso, Maria Bethânia, Marisa Monte e Gilberto Gil antes de elogiar a banda. Para Masekela, o Brasil é um exemplo a ser seguido pela África do Sul.

“No Brasil vocês fazem uma música excelente e dão espaço pra ela. Em vários países da África



Participantes do Dia da África

também se ouve muita música local, mas aqui na África do Sul é diferente. Festivais assim acontecem uma vez por ano e depois as pessoas voltam a ouvir só música americana", lamenta.

A questão, segundo ele, não é

simplesmente de onde vem a música – afinal, pode-se fazer música com raízes africanas em outros países. Também não se trata de apenas ouvir sons da África – o que não se deve é perder a identidade. Uma teoria simplificada pelo *Afroreggae* ao encerrar

o show com *Imagine*, de John Lennon, numa versão com muito mais percussão. Era uma banda brasileira, uma música inglesa, mas com um toque africano. E sou tão bonito em Johanesburgo como soaria em Liverpool ou Vigário Geral. ■

Mas ainda longe
de ser o país da
cidadania e do
futebol

Brasil, o país do presente

Por: Rosenilda Gomes Ferreira

“O Brasil é o país do futebol” e “O Brasil é o país do futuro”. Esses dois axiomas se tornaram uma espécie de mantra para inúmeras gerações. Crescemos ouvindo e muitas vezes repetindo esses bordões, como se eles fossem não apenas verdades mas fatalismos. Felizmente, conseguimos superar o segundo. Graças, em parte, à quebra de um modelo de desenvolvimento/financiamento insustentável que levou por água abaixo inúmeras empresas, e até países como a Islândia e a Irlanda. Todos foram severamente punidos porque trocaram a produção de riquezas palpáveis pela ilusão do canto da sereia do mercado financeiro, naquilo que

ele tem de pior que é a especulação. Felizmente, nas bandas de cá, já havíamos deixado de lado nossa cota de experimentalismos cambiais e ajustes financeiros. Marchávamos e continuamos marchando em direção a uma sociedade na qual a riqueza é melhor distribuída. Quanto ao primeiro enunciado, nada mais falso. A Espanha, a Inglaterra, a Itália, a França, e tantos outros países onde reina o império da lei, estes sim podem disputar o epíteto de ser o país do futebol. Basta ligar a TV para vermos o quanto isso é evidente. Os estádios de lá não são divididos entre duas torcidas. Os lugares são numerados e pertencem aos torcedores-

consumidores-cidadãos que pagaram o ingresso. Não a bandidos e arreaceiros travestidos de torcedores organizados que loteiam o espetáculo transformando-o em um circo romano no qual quem é trucidado, no meio da arena, é a cidadania. Lá fora não vemos fossos, arames farpados e cercas metálicas com lanças pontiagudas separando os torcedores entre si ou dos limites do campo.

No atrasado Brasil da década de 1950, conseguimos organizar uma Copa do Mundo – pena que o título foi para o Uruguai! Mudou o país, melhorou a tecnologia, avançamos na expectativa de vida e na qualidade da saúde. Entretanto, passamos

a achar normal que malfeiteiros de toda ordem tomassem conta do espetáculo. Em vez de reagir, nos acovardamos. Oprimidos pela violência, os torcedores deixaram o estádio. Os integrantes do judiciário fizeram vista grossa, com a desculpa de que tinham coisas mais importantes para cuidar. Os cartolas passaram a usar as torcidas organizadas como massa de manobra. Os jogadores se acovardaram e, em muitos casos, passaram a financiar agremiações de propósitos duvidosos. A cada ano, a violência aumenta sem que tenhamos, de fato, a coragem de romper a inércia e sair do discurso condenatório facial para a ação. Há cerca de 10 anos, um ônibus conduzindo jogadores de um time paulista foi cercado e apedrejado na rodovia dos Imigrantes. Em vez de reagir com energia, jogadores e dirigentes se acovardaram. Primeiro, tentaram esconder o episódio, depois trataram de minimizá-lo para, no "grand finale", argumentarem que isso faz parte do "calor e da emoção despertados pela paixão do futebol". Na década de 1990, o Ministério Público de São Paulo anunciou medidas rigorosas. Fechou as torcidas organizadas que sabidamente incentivam, promovem e vivem da violência. Pouco tempo depois, o MP capitulou.

Agora, assistimos à escalada da insensatez e à marcha da capitulação. A cada episódio violento

ganha força a tese segundo a qual é "impossível" garantir o cumprimento da lei e garantir a segurança das pessoas que pensam apenas em assistir uma partida de futebol. Por conta disso, dizem algumas vozes estridentes, "seria melhor" copiar a receita de quem legitimou a bandidagem, como a Argentina. Foi lá que se consagrou a tese dos jogos de uma torcida só. Um claro flagrante de violação da liberdade individual e uma mostra de falência do aparelho judiciário, policial e político. Enfim, da sociedade.

Temo que essa tese ganhe corpo e se transforme em lei. Defendida, inclusive, pelo enorme contingente de pessoas bem-intencionadas e esclarecidas que acham justo trocar cidadania por uma tentativa de paz. Nessa toada, vamos acabar acreditando, também, que vale a pena seguir direto do trabalho para casa porque a violência não para de crescer. Ou então, mudar dos prédios para

condomínios horizontais no interior, guardados por cães ferozes, porque os condomínios de prédios nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro se tornaram o alvo preferencial de bandidos. Ao renunciar aos preceitos básicos da cidadania, os brasileiros dão mostras que não merecem o belo epíteto de "O país do futebol". Muito menos de "O país cidadão". ■

* repórter da revista
IstoÉ Dinheiro



Divulgação

Racismo: São Paulo fala



Em 2008 vários eventos no país lembraram os 120 anos da assinatura da Lei Áurea, que oficialmente extinguiu o regime de escravidão do povo negro no país. Por meio de uma campanha, a Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo resolveu ir além e promoveu a campanha *120 Anos de Abolição - Racismo: se você não fala, quem vai falar?*

A campanha resultou em um processo de reflexão sobre o racismo e suas diversas formas, denunciando pessoas e instituições.

Todo esse levantamento resultou no livro *Racismo: São Paulo Fala*, publicado pela Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, por meio de sua Assessoria de Cultura para Gêneros e Etnias.

As cartas foram reunidas de acordo com os seguintes temas: racismo institucional: família, escola, trabalho e violência policial; racismo de gênero, religião e orientação sexual; poemas; histórias de superação; e reflexões sobre o racismo.

Por meio de relatos emocionantes, o leitor observa que não há um racismo, mas diversos racismos e práticas derivadas. A principal delas é o racismo institucional, que tem um impacto avassalador no que diz respeito à negação da cidadania requerida e propalada pela Constituição Brasileira.

Serviço

Título: *Racismo: São Paulo fala*

Produção: Associação Amigos das Oficinas Culturais do Estado de São Paulo

Realização: Assessoria de Cultura para Gêneros e Etnias, Oficinas Culturais do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura e Governo do Estado de São Paulo.

O Movimento Negro e o Estado (1983-1987)

O livro é resultado da dissertação de mestrado de Ivair Augusto dos Santos, apresentada ao Departamento de Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas. No livro, o autor faz uma análise sobre a experiência de institucionalização do movimento negro e de formulações de políticas públicas focalizadas na população negra no Estado de São Paulo, por meio da criação do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra.

A obra faz um registro da história dos movimentos negros de São Paulo, a partir de depoimentos de militantes, documentos e da bibliografia produzida sobre a questão. A participação de homens e mulheres que tiveram papel destacado enquanto negros nos partidos mereceram especial atenção na publicação.

A obra, com 185 páginas, é prefaciada pela pesquisadora Elisa Larkin Nascimento e focaliza também os cenários políticos das décadas anteriores a 1984, que antecederam a

criação do Conselho e marcaram essa trajetória.

O livro faz um levantamento sobre a história do movimento negro, resgatando a Resistência Negra entre os anos de 1920 e 1945 e fala das relações entre a Igreja Católica e o Movimento Negro. Os partidos políticos e as relações com os movimentos negros em vários momentos também estão presentes na obra.



Serviço

Autor: Ivair Augusto dos Santos

Realização: Coordenadoria dos Assuntos da População Negra e Prefeitura de São Paulo

Negros em Foco.

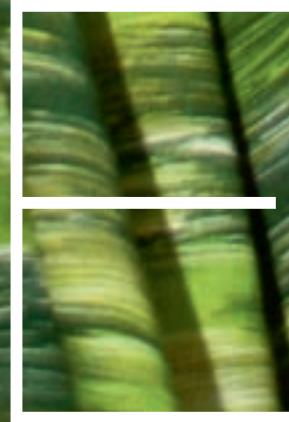
Quem se interessa pelo Brasil assiste.



O programa Negros em Foco tem tudo o que interessa à comunidade afrodescendente. E também a todos aqueles que se interessam pela liberdade, pela inclusão social, pela afirmação do negro na sociedade brasileira. Entrevistas, política, saúde, emprego, variedades. Veja abaixo os horários e os canais onde o programa é exibido. **Você não pode perder.**

TV Aberta (canal 9 da Net)	RBI (Canal 14 UHF)	Rede Mundial (Via Satélite)
Sábado: 18h30	Domingo: 21h30	Sábado: 15h30
	Quarta-feira: 21h30	Domingo: 15h30
		Quarta-feira: 21h30

* Negros em Foco é alternado semanalmente com o programa Negros em Foco por Elas.



stampas realçam a beleza da mulher negra

Por Hélio Cristell*

Vestidos com estampas mais elaboradas, com motivos da fauna e da flora brasileiras continuam em alta

Fazer escolhas certas na hora de se vestir ou de se maquiar é fundamental para garantir um belo visual. Para isso, separamos algumas dicas sobre as tendências de moda e de maquiagem que vão realçar a beleza da mulher negra.

Confira!

Moda

Vestidos com estampas mais elaboradas, com motivos da fauna e da flora brasileiras continuam em alta.

Os bordados, sucesso já há algumas temporadas, se mantêm com força para realçar e combinar com as estampas.

As misturas de materiais como sementes, madeiras, pedras semipre-

ciosas e strass são as apostas da temporada para os acessórios.

Cabelo

Invista nas mechas. Elas intensificam a beleza e oferecem mais luminosidade à pele, contribuindo para um estilo mais moderno e que realça a beleza da mulher negra.

Maquiagem

Apesar de ainda se falar muito a respeito da dificuldade de se maquiar a pele negra, hoje o mercado oferece muitas marcas de cosméticos voltadas para esse público, com ótimos produtos. Veja algumas dicas para não errar na hora do make up.

Dia – Para os olhos, abuse do rímel sempre! Sombra em tons marrom, rosa queimado e transparente também não podem faltar. Na boca, o brilho do gloss em tons claros está na ordem do dia. O blush em tons marrons escuros arremata o visual.

Noite – Sombra em tons dourados e acobreados e blush vinho iluminado (com leve tendência para o dourado) deixam o visual na medida certa.

*estilista e hair designer

Consultoria de make up: Nik e Javier do Salão Spazio Carites (www.spaziocarites.com.br)



Modelo Juliana

Fortaleza:



as dunas mais exuberantes do Brasil

Por: Isabela De Lucca, redação

Terra calorosa e de poucas chuvas, assim é Fortaleza, a capital de natureza exuberante e de mar de águas esverdeadas. Na cidade onde a temperatura média é de 27°C, o verão é o clima que parece predominar o ano inteiro. Seu povo sempre alegre e hospitaleiro chama a atenção de quem está visitando o local, pois os turistas se sentem acolhidos.

Praias paradisíacas e noites dan-

çantes, com muita animação. Além disso, Fortaleza é a porta de entrada do Nordeste brasileiro, pois sua posição estratégica fica abaixo da linha do Equador. É a rota mais curta de saída para os continentes africano e europeu, e também para os Estados Unidos da América.

Voltada para o turismo, com boas opções de hospedagens que se adaptam a todos os bolsos, não

faltam atrações até mesmo para o turista mais exigente. Em sua orla central, encontramos as praias de Iracema, Meireles e Mucuripe que são unidas pela avenida Beira-Mar e é onde moradores e turistas não se cansam de apreciar o pôr-do-sol. Apenas a 12 km da região central fica uma praia perfeita para o mergulho: a Praia do Futuro, com suas águas translúcidas.



A culinária local é de dar água na boca: patinhas de caranguejo, pargo assado no sal grosso, lagosta, as sertanejas, baião-de-dois, carne-de-sol e as tapiocas são alguns dos pratos típicos.

Nos arredores da cidade, dunas e falésias de areia quase branca são de surpreender pela beleza. O tradicional passeio de buggy pelas praias das Fontes e de Morro Branco. Em Por-

to das Dunas fica localizado o Beach Park para deleite dos turistas que não se preocupam em economizar.

A vida noturna também é agitada, e em especial à noite de segunda-feira eleita pelo jornal The New York Times como a mais animada do mundo. A Rua dos Tabajaras, próxima ao Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura é onde a badalação corre solta. Na parte cultural não faltam museus, cinemas

e teatros, a exemplo do Teatro José de Alencar, cuja fachada é um monumento de arte.

As feiras de artesanato também representam bem a capital do Ceará, onde não falta a renda de labirinto que é vendida juntamente com objetos de madeira, argila, garrafas de areia (aqueelas que têm um desenho colorido dentro) e as coloridíssimas redes de dormir.

Dicas para quem for a Fortaleza

1- Dê preferência a um vôo direto e sem escalas.

2- Escolha um hotel nas proximidades da avenida Beira- Mar, perto da feirinha de artesanato, dos restaurantes, dos supermercados e das farmácias.

3- Na Praia do Futuro tem noi-

te agitada, mas para se hospedar lá fica um pouco longe de tudo.

4- Faça os passeios de buggy, a vista é demais!

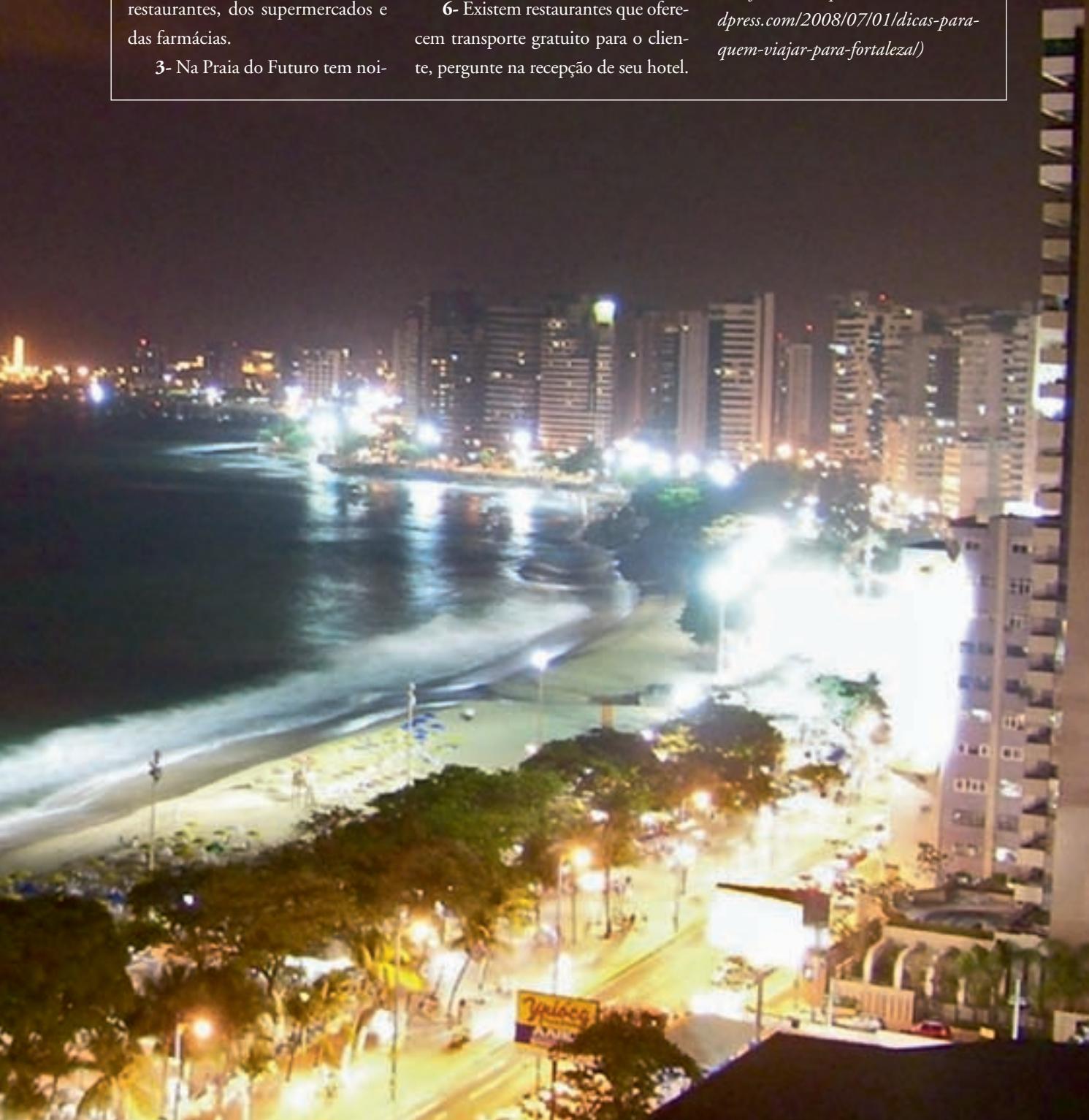
5- Use e abuse do protetor solar.

6- Existem restaurantes que oferecem transporte gratuito para o cliente, pergunte na recepção de seu hotel.

7- Perca o medo e faça o “ski-bunda”.

8- Vale a pena se deliciar com os sorvetes da “50 Sabores”

(fonte: <http://newtonchan.wordpress.com/2008/07/01/dicas-para-quem-viajar-para-fortaleza/>)





Por: José Vicente

Beleza não se põe à mesa

Beleza não se põe à mesa. Essa é uma maneira muito natural do senso comum traduzir uma das características mais definitivas da humanidade dos indivíduos, isto é, a capacidade de definir o belo e consequentemente a beleza, no detalhe íntimo, que mais do que tocar a razão, toque diretamente sua paixão.

Por isso belo não é o que se diz, mas sim o que se sente. Não é o que se vê, mas sim o que se toca. Não é o que se fala, mas sim o que emociona. Não é o que impõe, mas aquilo que se traduz.

Assim seria razoável imaginar que a reunião das belezas individuais fosse uma festa multicor e multiforme. Um festival de diversidade onde a beleza particular pudesse ser a expressão real da beleza geral, que

nessa perspectiva, como já dissemos, somente poderia ser “multi”: multicor, multiforma e multiessência.

O recente debate sobre a participação de modelos negros nos desfiles de moda, mais precisamente na edição atual do *São Paulo Fashion Week*, traz à tona a discussão e a resistência de sempre acerca dos limites da autonomia da vontade individual e mesmo da liberdade do mercado frente a princípios e fundamentos morais, éticos e mesmo democráticos da sociedade brasileira.

A democracia racial decantada em prosa e verso, luta como pode para tornar verdade permanente e real, a presença do nosso miscigenado Brasil de negros, brancos e índios em todos os espaços e manifestações sociais. Ainda quando as

estatísticas apontam que os negros serão a maioria dos brasileiros já em 2020, o país que continuamos a ver na telas e também nas passarelas é aquele onde negros não entram, onde negros não se vêem.

Moda é a criação e a produção individual que tem como fundamento proporcionar prazer, bem-estar, satisfação e distinção social aos seus consumidores permitindo que, através de seus signos sinalizem, também, que são eles os cultores de percepções particulares de mundo e ou participantes de uma categoria especial de pessoas ou grupos econômicos, religiosos, políticos etc. Pode se fazer em casa ou pode se fazer na indústria.

Mas moda também é expressão que traduz na sua linguagem crenças, valores e traços culturais, éticos



e estéticos como todas as demais manifestações sociais, circunscrevendo e reconstruindo na sua vivência cotidiana, sentimentos de pertença, auto-estima e participação social, econômica e mesmo política.

Esse é o fundamento e o sentido de toda a ação ética, democrática, inclusiva e, indubitavelmente, a função social de toda ação de caráter público

como é a ação empresarial, principalmente, se contar para sua realização com o dinheiro do contribuinte brasileiro – negros também.

“A mão invisível” do mercado de moda que em última instância define e determina quem pode participar e mesmo qual a configuração estética do negócio, a partir de agora deverá iniciar o aprendizado de

mudança de conceitos e preparação para, num futuro muito breve, fazer transitar na passarela toda a beleza do Brasil, que é plural, diferente e negra também. De fato, beleza não se põe à mesa, agora põe-se na passarela.

** Reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares e presidente da Afrobras – Sociedade Afro-Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural.*

Charles Bolden Jr.

Charles Bolden Jr. foi o escolhido pelo presidente Barack Obama para comandar a Nasa, agência espacial norte-americana. A nomeação aconteceu no dia 25 de maio. Primeiro negro e segundo astronauta a ocupar o cargo, Bolden terá nas mãos a tarefa de supervisionar uma ampla revisão de programas de exploração espacial.

Aos 62 anos de idade, Bolden cumpriu quatro missões no espaço, incluindo a que pôs em órbita o telescópio espacial Hubble, em 1990. Piloto, ele é general de reserva da Marinha americana.



publicisbrasil

NUTRIÇÃO, SAÚDE E BEM-ESTAR.

ESSA É A RECEITA DA NESTLÉ.

Ha 88 anos, a Nestle chegou ao Brasil para fazer parte dos momentos mais gostosos da sua vida, oferecendo sempre produtos voltados para Nutrição, Saúde e Bem-Estar da sua família. Hoje, a Nestle sente muito orgulho de ter sido tão bem recebida e de estar presente em 98% dos lares brasileiros. Afinal, a gente sabe o quanto um pouco de carinho faz bem.

Nestlé
faz bem





56 toneladas de lixo coletadas no Dia Mundial de Limpeza de Rios e Praias em 2008, com a ajuda de 12 mil voluntários em mais de 50 cidades pelo Brasil. 64 mil estudantes beneficiados nos programas educacionais: Valorização do Jovem e Educação Campeã, em parceria com o Instituto Ayrton Senna.

Estimular a reciclagem criando empregos e oportunidades, participar da vida das comunidades em que atua. São ações que fazem parte do dia a dia da Coca-Cola Brasil. Saiba como nós estamos vivendo positivamente e como você também pode fazer a diferença. Acesse:

www.vivapositivamente.com.br

BRASIL
Coca-Cola
VIVA POSITIVAMENTE